

“ UM ESPAÇO PARA HOSPEDAGEM E CELEBRAÇÃO .

Cerrada

CELEBRART

The background of the lower half of the image features a silhouette of a landscape. It includes rolling hills, several trees of different shapes, and a few small birds in flight. The sky is a gradient of warm colors, from light orange at the top to a darker orange/brown at the bottom, suggesting a sunset or sunrise. The word "CELEBRART" is superimposed on this background in a large, bold, orange font.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VÁRZEA GRANDE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE DIPLOMAÇÃO EM ARQUITETURA URBANISMO E PAISAGISMO

PROJETO ARQUITETÔNICO DE
POUSADA COM COMPLEXO DE
EVENTOS: CERRADO CELEBRART - UM
ESPAÇO PARA REFÚGIO E CELEBRAÇÃO

ANA CLARA TEIXEIRA MANHOSO

Monografia apresentada ao curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Várzea Grande (MT), como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Arquitetura e Urbanismo.
Orientador(a): Profa. Dra. Natalia Sandrin.

VÁRZEA GRANDE-MT, DEZEMBRO DE 2025

A G R A D E C I M E N T O S

Por meio deste texto, primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, que nunca me abandonou, mesmo quando a minha fé estava fraca, e, todas as vezes que pensei em desistir, Ele estava lá por mim.

Ao meu pai, Valter Manhoso, que moveu céus e terras e trabalhou incansavelmente para que eu e minha irmã tivéssemos a melhor educação e ensino superior possível, e que, infelizmente, descansou nos braços do Pai antes que esse sonho fosse concluído. Pai, nós conseguimos!

À minha mãe, Zuleide, e à minha irmã, Bárbara Teixeira, que nunca soltaram a minha mão, mesmo com todas as dificuldades que enfrentamos durante essa etapa.

A Natan, meu melhor amigo e companheiro, que esteve comigo em todas as madrugadas das longas jornadas de estudos.

Aos amigos que fiz durante o curso, destacando minha dupla, Alice Ferreira; nós caminhamos juntos até aqui, e tenho muito orgulho da nossa trajetória. Sei que sempre estaremos lá um pelo outro.

Aos meus professores, que sempre cobraram o melhor de mim e moldaram a profissional que sou hoje. Destaco a Professora Natália Sandrin, que, mesmo me conhecendo pouco, aceitou o desafio de ser minha orientadora e sempre apoiou meus ideais.

E, por fim, às minhas amigas de infância, que me apoiaram desde a primeira vez que contei sobre meu interesse em arquitetura, vibraram comigo no meu ingresso à faculdade e vibram comigo a conclusão dela.

A todos, o meu mais sincero obrigada. Amo cada um de vocês.

R E S U M O

MANHOSO, Ana: Arquitetura hoteleira: Cerrado Celebrart- Pousada com complexo de eventos. 2025. 104 páginas. Trabalho de Diplomação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Universitário de Várzea Grande, Várzea Grande. 2025.

O presente trabalho tem por objetivo a proposta de um projeto arquitetônico de uma pousada com espaço para eventos na zona rural de Cuiabá, Mato Grosso e sucessivamente contribuir e impulsionar a cultura e o turismo na região. Dessa forma, o projeto foi elaborado visando a criação de um espaço que forneça conforto, oportunidades e refúgio a seus usuários. Na elaboração do trabalho, foi utilizado o método de abordagem qualitativa e pesquisa exploratória, por meio referências bibliográficas e projetos de referências nacionais e internacionais. Através dessa proposta, pretende-se contribuir para a fomentação do turismo, a chegada de novas infraestruturas e a geração de emprego da região, para o aumento da economia, incentivo ao empreendedorismo, e fomento na exploração desta área econômica tão pouco utilizada.

PALAVRAS CHAVE: Pousada, Turismo, Conforto, Rural.

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 01:</i> "CENA DE TABERNA".....	2 0
<i>Figura 02:</i> MOSTEIRO SÃO BENTO.....	2 1
<i>Figura 03:</i> SAVOY LONDON.....	2 3
<i>Figura 04:</i> VILLA ROSSA.....	2 5
<i>Figura 05:</i> HOTEL PHAROUX.....	2 6
<i>Figura 06:</i> COPACABANA PALLACE.....	2 7
<i>Figura 07:</i> HOTEL PANTANAL JUNGLE LODGE.....	2 8
<i>Figura 08:</i> DIFERENCIAÇÃO DA CATEGORIA.....	3 0
<i>Figura 09:</i> DIFERENCIAÇÃO DA CATEGORIA PART II.....	3 1
<i>Figura 10:</i> DIFERENCIAÇÃO DA CATEGORIA PART III.....	3 2
<i>Figura 11:</i> VILA GALÉ TOUROS.....	3 3
<i>Figura 12:</i> CABANA MATANGI.....	3 5
<i>Figura 13:</i> POUSADA TEMÁTICA ESTRADA REAL.....	3 6
<i>Figura 14:</i> MATERIAIS.....	3 7
<i>Figura 15:</i> CASA DO VALLE HOTEL BOUTIQUE.....	3 7
<i>Figura 16:</i> VISTA AÉREA POUSADA VENTO VINTE.....	4 9
<i>Figura 17:</i> VISTA EXTERNA DO BANGALÔ.....	4 9
<i>Figura 18:</i> IMPLANTAÇÃO POUSADA VENTO VINTE.....	5 0
<i>Figura 19:</i> INTERIOR DO BANGALÔ.....	5 0
<i>Figura 20:</i> COBERTURA DO BANGALÔ.....	5 1

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 21:</i> POUSADA PARADINHA 11.....	51
<i>Figura 22:</i> IMPLANTAÇÃO PARADINHA 11.....	52
<i>Figura 23:</i> TIPOLOGIA PLANTA BAIXA E CORTE.....	52
<i>Figura 24:</i> BANGALÔ PARADINHA 11.....	53
<i>Figura 25:</i> DJATI LOUNGE.....	54
<i>Figura 26:</i> COBERTURA TRADICIONAL (JOGLO).....	54
<i>Figura 27:</i> VISÃO INTERNA JOGLO.....	55
<i>Figura 28:</i> SALÃO MULTIFUNCIONAL.....	55
<i>Figura 29:</i> ESTRADA EM FRENTE AO TERRENO.....	60
<i>Figura 30:</i> RIO BANDEIRA AO FUNDO DO TERRENO.....	60
<i>Figura 31:</i> REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DAS VIAS PRÓXIMAS AO TERRENO.....	61
<i>Figura 32:</i> IMAGEM INTERNA DO TERRENO.....	62
<i>Figura 33:</i> TERRENO E DESNÍVEIS.....	63
<i>Figura 34:</i> VOLUMETRIA COM ACESSOS.....	63
<i>Figura 35:</i> ANGELIM PEDRA.....	68
<i>Figura 36:</i> PAREDE CURVA COM COBOGÓ.....	69
<i>Figura 37:</i> TELHADO ENXAIMEL COM TELHA CHATA.....	70
<i>Figura 38:</i> IMPLANTAÇÃO.....	71
<i>Figura 39:</i> LAYOUT CHALÉ 01 E 02.....	74
<i>Figura 40:</i> LAYOUT GÁS.....	75

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 41:</i> LAYOT RECEPÇÃO.....	75
<i>Figura 42:</i> LAYOUT SALÃO.....	76
<i>Figura 43:</i> TÉCNICA CHALÉ 01 E 02.....	77
<i>Figura 44:</i> QUADRO DE ESQUADRIAS.....	77
<i>Figura 45:</i> TÉCNICA RECEPÇÃO.....	78
<i>Figura 46:</i> TÉCNICA GÁS.....	79
<i>Figura 47:</i> TÉCNICA SALÃO.....	80
<i>Figura 48:</i> CORTE A.A CHALÉ 01 E 02.....	81
<i>Figura 49:</i> CORTE B.B CHALÉ 01.....	81
<i>Figura 50:</i> CORTE B.B CHALÉ 02.....	81
<i>Figura 51:</i> CORTE A.A RECEPÇÃO.....	82
<i>Figura 52:</i> CORTE B.B RECEPÇÃO.....	82
<i>Figura 53:</i> CORTE A.A GÁS.....	82
<i>Figura 54:</i> CORTE C.C SALÃO.....	83
<i>Figura 55:</i> CORTE B.B SALÃO.....	83
<i>Figura 56:</i> CORTE A.A SALÃO.....	83
<i>Figura 57:</i> COBERTURA CHALÉ 01 E 02.....	84
<i>Figura 58:</i> COBERTURA RECEPÇÃO.....	85
<i>Figura 59:</i> COBERTURA GÁS.....	85
<i>Figura 60:</i> COBERTURA SALÃO.....	86

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 61:</i> FACHADAS CHALÉ 01 E 02.....	87
<i>Figura 62:</i> FACHADAS RECEPÇÃO.....	88
<i>Figura 63:</i> FACHADAS CASA DE GÁS.....	88
<i>Figura 64:</i> FACHADAS SALÃO DE FESTAS.....	89
<i>Figura 65:</i> DETALHAMENTO PAREDE TIJOLOS.....	90
<i>Figura 66:</i> DETALHAMENTO TELHADO VARANDA.....	90
<i>Figura 67:</i> PERSPECTIVA CHALÉS.....	92
<i>Figura 68:</i> PERSPECTIVA 2 CHALÉS.....	92
<i>Figura 69:</i> PERSPECTIVA RECEPÇÃO.....	92
<i>Figura 70:</i> PERSPECTIVA SALÃO DE FESTAS.....	92
<i>Figura 71:</i> PERSPECTIVA AÉREA CHALÉS E SALÃO.....	93
<i>Figura 72:</i> PERSPECTIVA AÉREA ESTACIONAMENTO POUSADA.....	93
<i>Figura 73:</i> PERSPECTIVA PASSEIO E PRAIA ARTIFICIAL.....	93
<i>Figura 74:</i> PERSPECTIVA CHALÉS E PASSEIO.....	93
<i>Figura 75:</i> PERSPECTIVA AÉREA ESTACIONAMENTO SALÃO.....	94
<i>Figura 76:</i> PERSPECTIVA VISTA RAMPA.....	94
<i>Figura 77:</i> PERSPECTIVA MURO DE ARRIMO.....	94
<i>Figura 78:</i> PERSPECTIVA A. ÍNTIMA CHALÉ.....	95
<i>Figura 79:</i> PERSPECTIVA A. ÍNTIMA CHALÉ.....	95
<i>Figura 80:</i> PERSPECTIVA BANHO CHALÉ.....	95
<i>Figura 81:</i> PERSPECTIVA BANHO CHALÉ.....	95

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 82:</i> PERSPECTIVA A. SOCIAL CHALÉ.....	96
<i>Figura 83:</i> PERSPECTIVA A. SOCIAL CHALÉ.....	96
<i>Figura 84:</i> PERSPECTIVAS VARANDA CHALÉ.....	96
<i>Figura 85:</i> PERSPECTIVAS VARANDA CHALÉ.....	96
<i>Figura 86:</i> PERSPECTIVAS RECEPÇÃO.....	97
<i>Figura 87:</i> PERSPECTIVAS RECEPÇÃO.....	97
<i>Figura 88:</i> PERSPECTIVAS RECEPÇÃO.....	97
<i>Figura 89:</i> PERSPECTIVAS RECEPÇÃO.....	97
<i>Figura 90:</i> PERSPECTIVAS SALÃO DE FESTAS.....	98
<i>Figura 91:</i> PERSPECTIVAS SALÃO DE FESTAS.....	98
<i>Figura 92:</i> PERSPECTIVAS SALÃO DE FESTAS.....	98
<i>Figura 93:</i> PERSPECTIVAS SALÃO DE FESTAS.....	98

LISTA DE TABELAS

<i>Tabela 01:</i> ANÁLISE DE REFERÊNCIAS.....	56
<i>Tabela 02:</i> ÍNDICES URBANÍSTICOS.....	59
<i>Tabela 03:</i> PRÉ DIMENSIONAMENTO RECEPÇÃO.....	65
<i>Tabela 04:</i> PRÉ DIMENSIONAMENTO CHALÉS.....	66
<i>Tabela 05:</i> PRÉ DIMENSIONAMENTO SALÃO.....	67
<i>Tabela 06:</i> ESPÉCIES.....	91

LISTA DE ABREVIATURAS

- **ABNT:** ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS
- **CE:** CEARÁ
- **ISO:** ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE NORMALIZAÇÃO
- **MT:** MATO GROSSO
- **NBR:** NORMA BRASILEIRA
- **SBCCLASS:** SISTEMA BRASILEIRO DE CLASSIFICAÇÃO DE MEIOS DE HOSPEDAGEM
- **TRAF:** TURISMO RURAL NA AGRICULTURA FAMILIAR

S U M Á R I O

1. INTRODUÇÃO.....	14
1.1. TEMA.....	15
1.2. JUSTIFICATIVA.....	16
1.3. OBJETIVOS: GERAIS E ESPECÍFICOS.....	17
1.4. PROBLEMÁTICA.....	18
1.5. METODOLOGIA.....	19
 2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	 20
2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA ARQUITETURA HOTELEIRA.....	20
2.1.1. ARQUITETURA HOTELEIRA NO BRASIL.....	25
2.2. OS MEIOS DE HOSPEDAGEM EXISTENTES.....	30
2.2.1. POUSADAS: CONCEITOS E TIPOLOGIAS DA CATEGORIA.....	36
2.3. BENEFÍCIOS SOCIAIS.....	39
2.4. BENEFÍCIOS AMBIENTAIS.....	40
 3. CONDICIONANTES LEGAIS.....	 41
3.1. LEGISLAÇÃO E NORMATIVAS NO ÂMBITO INTERNACIONAL.....	41
3.1.1. ISO 18513:2021.....	41
3.2. LEGISLAÇÃO E NORMATIVAS NO ÂMBITO NACIONAL.....	43
3.2.1. NBR 15401.....	43

S U M Á R I O

3.2.2.NBR 9050.....	4 4
3.2.3.NBR 9077.....	4 5
3.3.LEGISLAÇÃO E NORMATIVAS NO ÂMBITO REGIONAL.....	4 6
3.3.1.LEI ESTADUAL Nº 10.861.....	4 6
3.3.2.LEI COMPLEMENTAR Nº 150- PLANO DIRETOR DE CUIABÁ.....	4 7
4. REFERÊNCIAS PROJETUAIS.....	4 9
4.1.PROJETOS E ESTUDO DE CASO.....	4 9
4.1.1.POUSADA VENTO-VINTE.....	4 9
4.1.2.PARADINHA 11.....	5 1
4.1.3.DJATI LOUNGE AND DJOGLO BUNGALOW.....	5 3
4.2.ANÁLISE DE REFERÊNCIA.....	5 6
5. CONDICIONANTES DE PROJETO.....	5 7
5.1.LOCALIZAÇÃO.....	5 7
5.1.1.ASPECTOS URBANOS E GEOGRÁFICOS.....	5 7
5.1.2.ÁREA DE INTERVENÇÃO.....	5 8
5.1.3.JUSTIFICATIVA DE ESCOLHA.....	5 9
5.1.4.USO DO SOLO.....	5 9
5.2.INFRAESTRUTURA.....	6 0
5.2.1.ILUMINAÇÃO.....	6 0
5.2.2.ABASTECIMENTO DE ÁGUA.....	6 0

S U M Á R I O

5.2.3	ENERGIA.....	61
5.2.4	VIAS.....	61
5.2.5	VEGETAÇÕES EXISTENTES.....	62
5.2.6	LEVANTAMENTO PLANALTIMÉTRICO.....	62
5.2.7	ACESSOS E FLUXOS.....	63
6.	O PROJETO.....	64
6.1.	PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ DIMENSIONAMENTO.....	64
6.2.	PÚBLICO ALVO.....	68
6.3.	TECNOLOGIAS E INSTRUMENTOS PROJETUAIS.....	68
6.3.1	MADEIRA.....	68
6.3.2	ELEMENTOS VAZADOS.....	68
6.3.3	ILUMINAÇÃO NATURAL.....	69
6.3.4	COBERTURA EM TELHA CERÂMICA CHATA.....	69
7.	ENSAIO GRÁFICO.....	71
7.1.	IMPLANTAÇÃO.....	71
7.2.	LAYOUT.....	74
7.2.1	CHALÉS.....	74
7.2.2	RECEPÇÃO E GÁS.....	75
7.2.3	SALÃO DE FESTAS.....	76
7.3.	PLANTA BAIXA TÉCNICA.....	77
7.3.1	CHALÉS.....	77

S U M Á R I O

7.3.2 RECEPÇÃO	78
7.3.3 CASA DE GÁS.....	79
7.3.4 SALÃO DE FESTAS.....	80
7.4. CORTES.....	81
7.4.1 CHALÉS.....	81
7.4.2 RECEPÇÃO E GÁS.....	82
7.4.3 SALÃO DE FESTAS.....	83
7.5. COBERTURA.....	84
7.5.1 CHALÉS.....	84
7.5.2 RECEPÇÃO E GÁS.....	85
7.5.3 SALÃO DE FESTAS.....	86
7.6. FACHADA.....	87
7.6.1 CHALÉS.....	87
7.6.2 RECEPÇÃO E GÁS.....	88
7.6.3 SALÃO DE FESTAS.....	89
7.7. DETALHAMENTOS.....	90
7.7.1 PAISAGISMO.....	91
7.8. PERSPECTIVAS EXTERNAS.....	92
7.9. PERSPECTIVAS INTERNAS.....	95
8.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
8.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	100

A arquitetura hoteleira tem suas raízes na Antiguidade, quando os primeiros abrigos eram oferecidos a viajantes em caravanas ou peregrinações, como nas hospedarias da Mesopotâmia e nos caravanserais persas. No século XX, com o avanço das tecnologias e a popularização das viagens de lazer e negócios, surgiram grandes redes hoteleiras e novas tipologias arquitetônicas, que aliaram funcionalidade, conforto e identidade estética ao contexto cultural e urbano de cada local. Dentro dessa perspectiva, o trabalho apresentado será voltado à pousadas, uma divisão da hotelaria que mistura conforto, simplicidade e independência dos hóspedes.

O projeto se passa na zona rural da cidade de Cuiabá, Mato Grosso, e surge à partir da necessidade de voltar aos olhos para essa região tão pouco explorada na parte de acomodações e turismo. Apesar da proximidade com o Parque novo Mato Grosso, um grande complexo tecnológico que está próximo de ser inaugurado, ainda não há demonstrações de interesse turístico na área. Dessa forma, uma pousada com espaço para eventos ambientada nesse local, contribuiria no fomento da economia, turismo e infraestrutura de locais como esse.

Por fim, para que esse projeto atenda as demandas e cumpra as funções esperadas, foram estudadas as contextualizações históricas de hotelaria e projetos arquitetônicos como referência. Visto que a pousada além de cumprir as demandas básicas de hospedagem ainda deve oferecer um espaço confortável e funcional que atenda a demanda de diversos tipos de eventos, foram analisadas normas e cartilhas sobre os requisitos básicos da hotelaria, como também normas que acercam o turismo na zona rural, e a fomentação de eventos nessas regiões.

1.1. TEMA

ABORDAGEM DO TEMA

Desenvolvimento de projetos de edificações.

TEMA E SUBTEMA

ARQUITETURA HOTELEIRA.

Pousada e complexo de eventos.

LOCAL

Cuiabá- MT

1.2. JUSTIFICATIVA

A contemporaneidade tem revelado uma reconfiguração significativa nas dinâmicas do turismo, marcada pela valorização de experiências autênticas e pela busca por alternativas mais intimistas e sustentáveis de hospedagem. Nesse cenário, observa-se uma crescente preferência por acomodações situadas fora dos centros urbanos, onde o contato com a natureza, a tranquilidade e a exclusividade figuram como diferenciais atrativos ao novo perfil de viajante.

Em resposta a essa demanda emergente, propõe-se o desenvolvimento de um projeto arquitetônico para uma pousada com anexo de centro de eventos, localizada em zona rural no entorno de Cuiabá-MT. A escolha do local é estratégica: trata-se de uma área com grande potencial de valorização, especialmente pela proximidade com o futuro Parque Novo Mato Grosso um empreendimento de escala regional que deverá impulsionar o fluxo turístico e cultural na região.

De acordo com o Ministério do Turismo (2021), o segmento de turismo rural cresceu mais de 30% em procura durante o período da pandemia, revelando uma demanda crescente por experiências autênticas e ligadas ao campo. Tal tendência reforça a pertinência de se investir em modelos arquitetônicos que aliem funcionalidade, identidade local e sustentabilidade em áreas rurais.

Além de atender à carência por estruturas hoteleiras integradas a espaços para celebrações, a proposta visa fomentar o desenvolvimento econômico local mediante à criação de empregos, especialmente nas áreas de turismo, eventos e construção civil. A adoção de soluções sustentáveis como o uso de materiais ecológicos e recicláveis, bem como a incorporação de práticas de eficiência energética e reaproveitamento de recursos naturais reafirma o compromisso com uma arquitetura responsável, adaptada ao bioma do Cerrado e às diretrizes de preservação ambiental.

1.3. OBJETIVOS

GERAL

Desenvolver um projeto arquitetônico para a criação de uma pousada no campo e anexo complexo de eventos para Cuiabá-MT.

ESPECÍFICOS

- Estudar dados bibliográficos sobre o tema;
- Pesquisar condicionantes legais e referências projetuais;
- Desenvolver um projeto arquitetônico de uma pousada e um complexo de eventos.

1.4. PROBLEMÁTICA

O atual cenário urbano revela uma concentração excessiva de equipamentos voltados à hospedagem e realização de eventos nos grandes centros, o que limita o acesso a esses serviços em áreas periféricas e rurais. Essa centralização compromete a descentralização do turismo, além de impactar negativamente a mobilidade urbana, especialmente em datas comemorativas, feriados e períodos de alta demanda por eventos sociais e corporativos.

Em contrapartida, zonas rurais e regiões periurbanas, como as adjacentes a Cuiabá-MT, revelam um enorme potencial para abrigar iniciativas que integrem hospitalidade e celebração. No entanto, a carência de infraestrutura adequada e integrada nesses territórios dificulta a concretização de propostas que unam conforto, segurança e apelo ambiental.

A ausência de pousadas com estruturas próprias para a realização de eventos em áreas rurais gera lacunas significativas. Entre elas, destaca-se a necessidade de longos deslocamentos após confraternizações, o que, além de causar incômodo aos participantes, pode representar riscos à segurança, como a ocorrência de acidentes de trânsito. Soma-se a isso a subutilização do potencial turístico dessas regiões, que, embora frequentemente dotadas de paisagens naturais únicas, ainda carecem de espaços qualificados para receber visitantes de forma adequada.

Por fim, essa carência também implica na perda de oportunidades econômicas locais, tanto no que se refere a formação de empregos quanto ao fortalecimento de cadeias produtivas ligadas ao turismo, à gastronomia, ao artesanato e à cultura regional.

“ Como a arquitetura de uma pousada com anexo de centro de eventos pode estabelecer um diálogo harmônico entre a construção e o ambiente natural do entorno, assegurando conforto, funcionalidade e contribuição positiva para o desenvolvimento regional?

Para fundamentar teoricamente esta proposta, recorreu-se à análise de referências projetuais, conceituais e metodológicas consolidadas, compatíveis com a natureza qualitativa, exploratória e aplicada da pesquisa.

A abordagem qualitativa, conforme destacam Denzin e Lincoln (2006), possibilita uma investigação profunda de fenômenos sociais e culturais, priorizando a compreensão dos significados atribuídos pelos indivíduos em contextos específicos.

Essa orientação é particularmente pertinente quando se busca interpretar a relação entre arquitetura e modos de vida locais, como no caso da inserção de empreendimentos hoteleiros em ambientes rurais.

Por sua vez, a pesquisa exploratória, segundo Gil (2008), objetiva proporcionar maior familiaridade com o problema investigado, sendo crucial para formulação de hipóteses e delineamento de estratégias em campos pouco explorados, como a intersecção entre hospitalidade, turismo rural e infraestrutura arquitetônica. O caráter aplicado da pesquisa se reflete na proposição de uma intervenção concreta:

um projeto arquitetônico contextualizado, funcional e socialmente relevante, que responda às demandas locais de hospitalidade e celebração.

Para isso, o desenvolvimento metodológico será estruturado em quatro etapas principais, sendo a primeira o levantamento bibliográfico e referencial teórico. Essa fase contempla a análise crítica de obras antigas que carregam uma bagagem sobre o tema, e projetos atuais que inovam o conceito do partido arquitetônico, de exemplo, Pousadas no campo ou afastadas da cidade como a Paradinha 11 em Portugal, ou a Vento Vinte no Ceará.

Esse estudo preliminar oferece embasamento conceitual necessário à formulação das diretrizes projetuais, inspiradas nas leis e normas que embazam o projeto, como a ISO 18513 que impõe um padrão global a meios hospedagem. A NBR 15401 que aborda o turismo sustentável, NBR 9050 E 9077 que priorizam acessibilidade e segurança em rotas de emergência além de leis estaduais que asseguram o turismo rural, como a lei 10.861 do estado de mato grosso. Permitindo assim, que a intervenção proposta esteja ancorada tanto em fundamentos teóricos quanto em práticas já consolidadas.

2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA ARQUITETURA HOTELEIRA

A arquitetura hoteleira remonta à Antiguidade no século XVII, quando comerciantes e viajantes buscavam abrigo durante suas jornadas em estruturas simples como tabernas, estalagens e caravancerais.

FIGURA 01: "CENA DE TABERNA"-JAN STEEN (1660)



FONTE: AVENTURAS NA HISTÓRIA (2018)

Essas, são hoje também, consideradas as primeiras pousadas que existiram.

Elas não serviam apenas como locais de repouso, mas como núcleos sociais onde se trocavam mercadorias, culturas e informações. Segundo Caroline Azevedo(2006), em sua dissertação em mestrado sobre hospitalidade, os hóspedes eram responsáveis pela própria alimentação, iluminação e das roupas. Além disso, os viajantes dependiam da boa vontade dos anfitriões.

No Império Romano, por exemplo, havia um sistema viário eficiente que integrava hospedarias nas rotas de longa distância, permitindo o fluxo seguro de pessoas e bens. Essas estruturas iniciais, ainda que rudimentares, já revelavam uma preocupação com localização estratégica e acessibilidade, aspectos que continuam essenciais na hotelaria contemporânea. Com o tempo, essas funções se sofisticaram e a hospitalidade passou a envolver

cuidados com alimentação, segurança e higiene, assim criando as bases do que seria o setor hoteleiro moderno. Em diversas civilizações, como as mesopotâmicas e egípcias, formas de recepção também foram documentadas, revelando o valor cultural dado à hospitalidade.

Na Idade Média, com o declínio das estruturas urbanas romanas e o aumento das peregrinações religiosas, surgiram os mosteiros e hospedarias ligadas a ordens religiosas como os beneditinos. Esses estabelecimentos prestavam serviço de acolhimento gratuito e refletiam os valores de hospitalidade cristã. Arquitetonicamente, eram simples, voltados ao abrigo temporário e ao recolhimento espiritual. Conforme descreve Campos (1998, p.74; e Azevêdo, 2006, p.73):

De início um serviço informal, essa hospitalidade dispensada pelos religiosos tornou-se mais tarde, uma atividade organizada, com a

construção de quartos e refeitórios separados, e monges dedicados ao atendimento dos viajantes.

FIGURA 02: MOSTEIRO SÃO BENTO – Itália



FONTE: (VOU PRA ROMA, 2019)

A espiritualidade e o acolhimento caminhavam juntos nesse período, reforçando o papel da arquitetura como mediadora entre o corpo e o espírito, como reforça Ximenez (2004, p.58),

a planta do mosteiro beneditino não é apenas uma organização funcional do espaço, mas uma expressão da espiritualidade e da ordem monástica, refletindo a busca por harmonia entre o corpo e o espírito.

Já o modelo medieval inspirou as hospedarias posteriores em termos de organização espacial, com destaque para áreas comuns e dormitórios coletivos, que sobreviveram em tipologias como albergues da juventude. A configuração das hospedagens muitas vezes seguia os padrões monásticos, com estruturas simétricas e células de alojamento.

Ao mesmo tempo, o caráter religioso dos edifícios colaborou no mantimento de um padrão arquitetônico comedido e decorativo e funcional. Com o Renascimento e o fortalecimento do comércio, surgiram pousadas urbanas mais estruturadas,

geralmente situadas em rotas de comércio importantes. A Revolução Industrial, no século XIX, marcou uma transformação decisiva na arquitetura hoteleira, com o crescimento de grandes edifícios dedicados exclusivamente à hospedagem, como os grandes hotéis europeus. Estes prédios passaram a integrar inovações tecnológicas como elevadores, iluminação a gás e aquecimento, além de elementos decorativos inspirados em estilos clássicos e barrocos, fornecendo conforto e status aos hóspedes da elite emergente. Nessa fase, a arquitetura hoteleira inicia um diálogo com o urbanismo e com a estética dos centros cosmopolitas, firmando-se como um símbolo da modernidade.

O hotel passou a representar também uma experiência urbana, somando glamour à ideia de mobilidade e conforto fora do lar. Hotéis como o Ritz de Paris e o Savoy de Londres tornaram-se referências globais.

FIGURA 03: Savoy London (1889)



FONTE: Historic hotels wordwilde (2011)

No século XX, com o avanço da aviação comercial e a democratização das viagens, a hotelaria expandiu atendendo um público mais diverso. Modelos como motéis, resorts e hotéis de rede padronizada proliferaram em todo o mundo, padronizando os serviços e criando identidades visuais corporativas. Ao mesmo tempo, movimentos modernistas na arquitetura influenciaram os projetos hoteleiros com enfoque funcionalista, racionalidade

espacial e eliminação de ornamentos, culminando em estruturas eficientes, mas por vezes impessoais. Segundo Paiva e Lima (2018),

o hotel moderno assume características industriais, com uma organização funcional e racional dos espaços, visando à eficiência e à padronização dos serviços, seguindo os preceitos do Movimento Moderno na arquitetura.

A lógica industrial aplicou-se à hotelaria, que se tornou parte da engrenagem turística global. Grandes corporações passaram a dominar o mercado, mas ao custo de reduzir as especificidades culturais e regionais em prol de uma experiência homogênea. Essa padronização, embora eficaz economicamente, gerou críticas sobre a perda de identidade e regionalidade das experiências de hospedagem. Nas últimas décadas, o setor hoteleiro passou a priorizar valores como sustentabilidade,

personalização e integração ao meio ambiente.

Novas tipologias surgiram, como os eco-lodges, glampings e hotéis boutique, promovendo experiências únicas e intimistas. Essa mudança reflete um novo perfil de viajante que valoriza autenticidade, cultura local e bem-estar. Arquitetonicamente, há um retorno ao uso de materiais naturais, técnicas construtivas tradicionais e design biofílico. Conforme destacado por Sloan, Legrand e Kaufmann (2014),

a sustentabilidade em meios de hospedagem deve ser compreendida como um conjunto de estratégias que atendem às necessidades atuais dos hóspedes e stakeholders sem comprometer a capacidade de futuras gerações de usufruírem dos mesmos recursos e experiências.

A arquitetura hoteleira contemporânea, assim, alia inovação e memória, tecnologia e tradição, globalização e identidade regional. A busca por experiências sensoriais e pela reconexão com o natural coloca o arquiteto como protagonista no resgate da qualidade da hospitalidade. Projetar espaços de acolhimento hoje é, portanto, um exercício de equilíbrio entre impacto mínimo e impacto memorável.

Este panorama representa um campo fértil de atuação para a arquitetura responsável e inovadora. Como exemplo recente, o Hotel Villa Rossa, localizado em São Roque-SP, que inaugurou recentemente um labirinto de experimento sensorial, que é também considerado obra de arte arquitetônica combinando um design inovador e sustentabilidade. Feito a partir de materiais ecológicos, não só respeitando meio ambiente, despertando imaginação e proporcionando uma experiência lúdica e sensorial única.

FIGURA 04: Villa Rossa (2024)



FONTE: Jeito Silva (2024)

2.1.1. ARQUITETURA HOTELEIRA NO BRASIL

A arquitetura hoteleira no Brasil teve início durante o período colonial, quando viajantes, autoridades e religiosos utilizavam hospedarias improvisadas em casas de moradores locais ou estalagens simples.

A precariedade das vias de transporte e a baixa densidade urbana influenciavam diretamente o padrão construtivo desses espaços, geralmente desprovidos de conforto e estética.

Com o tempo, surgiram hospedarias mais organizadas em cidades como Salvador e Rio de Janeiro, acompanhando o crescimento urbano e o fluxo de visitantes oriundos da Europa. A hospitalidade brasileira, nesse início, era fortemente marcada pela informalidade e pela improvisação dos espaços.

A arquitetura não possuía ainda uma linguagem específica para a função hoteleira, sendo muitas vezes adaptada a partir de edificações residenciais ou religiosas. Os primeiros estabelecimentos formais surgiram em pontos estratégicos de portos e rotas comerciais, refletindo a influência europeia na urbanização brasileira. Com a independência e o crescimento de uma elite econômica urbana, no século XIX, começaram a

surgir hotéis inspirados nos modelos europeus. O Hotel Pharoux, no Rio de Janeiro, inaugurado em 1818, é considerado um dos primeiros hotéis de luxo do país, marcando uma transição importante na hotelaria brasileira. Esses empreendimentos passaram a incorporar tecnologias importadas e uma linguagem arquitetônica refinada, com fachadas ornamentadas, amplos salões e serviços de requinte.

A arquitetura hoteleira, nesse momento, tornou-se símbolo de status e modernidade. As cidades litorâneas, em especial, passaram a competir em sofisticação, recebendo viajantes internacionais e fomentando a indústria do turismo de elite.

FIGURA 05: Hotel Pharoux, no Rio de Janeiro (1818)



FONTE: História do rio para todos (2019)

A decoração de interiores, o mobiliário europeu e a gastronomia refinada eram extensões do projeto arquitetônico. A influência francesa e italiana pode ser notada tanto nas fachadas quanto nos jardins e salões de recepção. Durante o século XX, especialmente nas décadas de 1950 e 1960, houve um impulso significativo

na hotelaria brasileira, impulsionado por políticas de desenvolvimento urbano e turístico. Projetos como o Grande Hotel de Araxá, em Minas Gerais, e o Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, representaram marcos da arquitetura hoteleira nacional, tanto pela escala quanto pela qualidade arquitetônica.

FIGURA 06: Copacabana Palace, Rio de Janeiro (1923)



FONTE: Folha OUL (2021)

Nessa fase, o modernismo brasileiro, com nomes como Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, também influenciou projetos de hotéis com foco na integração ao território e na racionalização dos espaços. Essa geração buscava conciliar monumentalidade e funcionalidade, explorando estruturas de concreto, pilotis, brises e grandes aberturas. Segundo Maciel (2006),

Oscar Niemeyer é quem mais radicalmente explorou as grandes estruturas [...] para 'mostrar o desenvolvimento da engenharia nacional', discurso que se conserva até a produção recente do arquiteto.

Essa atitude não retratava apenas uma busca estética, mas também um posicionamento ideológico e técnico que marcaria a arquitetura pública, incluindo equipamentos de hospedagem. Como observa Barros (2023),

Niemeyer promovia a transposição do ideário moderno – de ramo corbusiano – para a realidade do país em processo de modernização acelerado.

reforçando a importância da adaptação local dos princípios internacionais do movimento moderno.

O hotel modernista tornou-se um ícone urbano e um laboratório de linguagem arquitetônica. Essa influência estendeu-se também aos balneários e colônias de férias, promovendo um padrão estético vinculado ao projeto nacional de modernização. Nos anos 2000, com o avanço do turismo ecológico e o fortalecimento de políticas de preservação ambiental, surgiram iniciativas de pousadas e hotéis sustentáveis em áreas como Amazônia, Cerrado e Pantanal. Essas estruturas priorizavam o uso de materiais locais, técnicas construtivas tradicionais e

respeito ao bioma, integrando-se visual e funcionalmente ao entorno.

FIGURA 07: Hotel Pantanal jungle lodge (2025)



FONTE: Trip advisor (2025)

Esse movimento representa uma revalorização do regionalismo e da arquitetura vernacular. Iniciativas de turismo comunitário também passaram a influenciar o design das construções, criando experiências mais conectadas ao território e à cultura.

Esse movimento representa uma revalorização do regionalismo e da arquitetura vernacular. Iniciativas de turismo comunitário também passaram a influenciar o design das construções, criando experiências mais conectadas ao território e à cultura.

Em relação à chegada das pousadas no Brasil, Azevêdo (2006, p.77) descreve que as pousadas surgiram aos poucos no século XIX, mas em meados de 1970 foi que esse meio de hospedagem tornou-se mais difundido, sendo construídas, em sua maior, em pequenas localidades turísticas.

Atualmente, a arquitetura hoteleira no Brasil encontra-se em processo de diversificação e especialização. Novas demandas por experiências autênticas, acolhimento personalizado e consciência ecológica têm gerado projetos inovadores em zonas urbanas e rurais. As pousadas de charme, os hotéis design e os empreendimentos integrados a centros de

eventos são exemplos dessa transformação. O desafio contemporâneo está em conciliar conforto, identidade cultural e responsabilidade ambiental, articulando o legado histórico com as exigências do presente e do futuro. Nesse cenário, a atuação do arquiteto ultrapassa o aspecto técnico e torna-se estratégica, mediando tradição e inovação, cultura e mercado, ambiente e infraestrutura. A hotelaria se torna, assim, mais do que um negócio, ela se transforma em meio de expressão arquitetônica e instrumento de regeneração territorial.

2.2 - OS MEIOS DE HOSPEDAGEM EXISTENTES

Atualmente, o setor de hospitalidade apresenta uma ampla variedade de tipologias, cada uma com características específicas, voltadas para perfis distintos de viajantes e finalidades variadas. A diversidade vai além da simples oferta de pernoite, incorporando experiências, valores e estilos de vida.

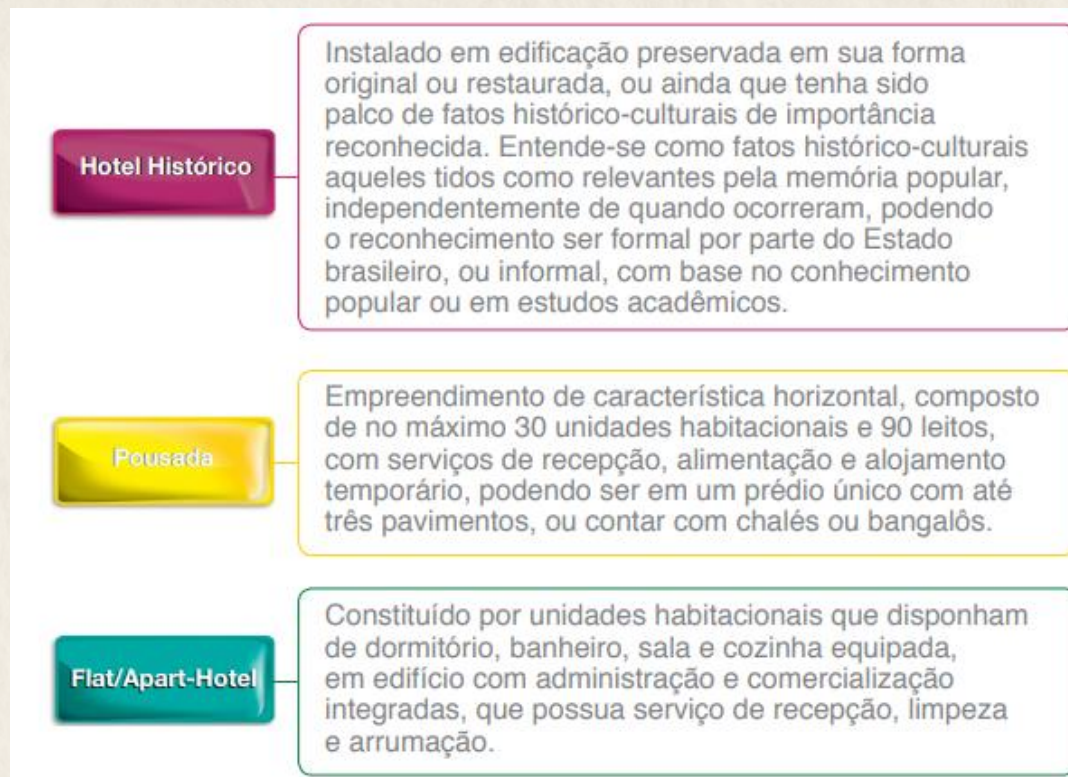
Sobre a classificação dos meios de hospedagem, podemos citar a cartilha do Sistema Brasileiro de classificação.

FIGURA 08: Diferenciação Da categoria, 2011



FONTE: Cartilha SBCLASS (2011)

FIGURA 09: Diferenciação Da categoria (2011)



FONTE: Cartilha SBCLASS (2011)

O SBClass organiza os meios de hospedagem em sete tipologias oficiais, a saber: hotel, resort, hotel fazenda, hotel histórico, pousada, flat/apart-hotel e cama e café (bed and breakfast).

Cada uma dessas categorias possui exigências específicas, respeitando as particularidades arquitetônicas, funcionais e operacionais de cada tipo de empreendimento. A classificação por estrelas, que vai de 1 a 5, é aplicada a cinco dessas tipologias (excetuando-se o cama e café e o hotel histórico, que possuem critérios específicos), e está fundamentada em princípios como: qualidade dos serviços, infraestrutura, sustentabilidade, acessibilidade, segurança e conforto. O sistema utiliza critérios obrigatórios e critérios eletivos, os quais somam pontos que determinam a quantidade de estrelas atribuídas ao meio de hospedagem. Os critérios eletivos permitem certa flexibilidade, respeitando as estratégias e vocações dos estabelecimentos.

FIGURA 10: Diferenciação Da categoria, (2011)



FONTE: (CARTILHA SBCLASS, 2011)

Além da padronização, o SBClass busca promover a melhoria contínua do setor, incentivando os empreendimentos a investirem em inovação, qualificação da mão de obra e boas práticas de gestão. A classificação serve ainda como referência para o turista, funcionando como um selo de qualidade e confiabilidade. Outro princípio fundamental do sistema

é a transparência, uma vez que todas as informações sobre os estabelecimentos classificados são disponibilizadas publicamente, o que reforça a credibilidade junto aos consumidores e operadores do setor. Nesse sentido, o SBClass colabora para a consolidação de uma cultura de excelência na hospitalidade brasileira, alinhada com padrões internacionais e com as demandas do turismo contemporâneo.

Os hotéis urbanos constituem uma das modalidades mais consolidadas, especialmente em áreas metropolitanas e polos turísticos. Geralmente operados por grandes redes, esses empreendimentos oferecem uma gama padronizada de serviços, que incluem recepção 24h, restaurante, salas de reunião, academia e Wi-Fi.

A padronização, embora prática para

a gestão, muitas vezes gera uma experiência impessoal, distante da realidade local. Em contrapartida, resorts e hotéis de luxo localizados em regiões de interesse natural ou histórico buscam oferecer experiências integradas, com infraestrutura de lazer completa. Piscinas, spas, restaurantes gourmet e atividades de entretenimento são incorporados, exigindo soluções espaciais de grande porte e forte apelo estético.

FIGURA 11: VILA GALÉ TOUROS (2025)



FONTE: Site Trip Advisor (2025)

Além das grandes estruturas hoteleiras, observa-se o crescimento de modelos mais acessíveis e colaborativos, como os hostels e albergues da juventude. Os meios de hospedagem representam uma peça-chave na engrenagem do turismo, sendo responsáveis por oferecer abrigo, conforto e experiências aos viajantes.

Trata-se de uma categoria ampla que engloba desde estruturas formais, como hotéis e resorts, até modelos alternativos como pousadas, hostels, campings e hospedagens domiciliares. Essa multiplicidade responde às transformações sociais, culturais e econômicas dos últimos séculos, que diversificaram o perfil do turista. Como afirmam Machado e Souza (2012),

Os albergues da juventude são meios de hospedagem alternativa, de baixo custo, poucos recursos humanos, acomodações comunitárias, ligados em geral a entidades, como associações e federações.

Os alberguistas buscam, além da economia de custos com hospedagem, o contato e o desenvolvimento cultural, visto que nestes locais dividem espaços que em seus lares são privativos – toaletes, quartos, cozinha, entre outros.

Hoje, pessoas viajam por lazer, trabalho, eventos, estudos e até tratamentos médicos, demandando soluções de hospedagem flexíveis, acessíveis e especializadas. A diversidade de serviços, localizações e faixas de preço evidencia a complexidade do setor e exige uma arquitetura cada vez mais versátil e contextualizada.

Esses meios de hospedagem apostam em dormitórios coletivos, áreas comuns de convivência e tarifas reduzidas para atrair um público jovem e cosmopolita.

A arquitetura desses espaços foca na multifuncionalidade, durabilidade dos materiais e comunicação visual descontraída. Outro modelo que vem crescendo é o das hospedagens alternativas promovidas por plataformas digitais, como o Airbnb, que transformou imóveis residenciais em espaços comerciais de curta duração. Esse modelo desafiou a hotelaria tradicional e influenciou reformas e adaptações de espaços, modificando inclusive os padrões urbanos e de convivência local.

Em paralelo, há o fortalecimento de hospedagens voltadas ao ecoturismo e ao turismo rural, como campings estruturados, eco-lodges e cabanas. Tais modalidades buscam oferecer uma experiência de imersão na natureza com mínimo impacto ambiental, promovendo valores como o silêncio, a contemplação e a sustentabilidade.

FIGURA 12: CABANA MATANGI (2025)



FONTE: Holmy (2025)

A arquitetura aqui assume papel fundamental na mediação entre o conforto e a preservação ambiental, optando por técnicas construtivas locais, implantação cuidadosa e sistemas de baixo consumo energético.

Esse segmento atrai um público específico, mais sensível às questões ambientais e disposto a investir em experiências com significado.

Por fim, os meios de hospedagem refletem os valores de cada sociedade em seu tempo e território. Mais do que abrigar, hoje espera-se que eles comuniquem identidade, ofereçam acolhimento e provoquem sensações.

A arquitetura, nesse contexto, torna-se agente fundamental para traduzir essas expectativas em forma, função e atmosfera. Seja em grandes empreendimentos corporativos ou em pequenas hospedagens familiares, a qualidade do espaço interfere diretamente na experiência do usuário. Com a crescente busca por autenticidade, bem-estar e sustentabilidade, a arquitetura hoteleira caminha para uma nova era de personalização, integração e responsabilidade.

2.2.1 - POUSADAS: CONCEITOS, TIPOLOGIAS DA CATEGORIA

As pousadas representam uma das tipologias de hospedagem mais valorizadas pelo viajante que busca acolhimento personalizado, contato com a cultura local e integração com a natureza. Em geral, são estabelecimentos de pequeno a médio porte, com gestão independente ou familiar, o que favorece a construção de vínculos mais afetivos entre o anfitrião e o hóspede. A proposta de valor das pousadas está na autenticidade e na experiência diferenciada, que frequentemente inclui decoração temática, gastronomia regional, interação com a paisagem e atmosfera tranquila. Sua arquitetura reflete esses atributos, sendo marcada por soluções aconchegantes, materiais naturais e elementos de identidade regional. Muitas vezes, cada unidade é pensada como única, permitindo aos hóspedes sentir-se em um espaço exclusivo.

FIGURA 13: POUSADA TEMÁTICA ESTRADA REAL (2025)



FONTE: Site Booking (2025)

A origem das pousadas no Brasil está relacionada à tradição colonial de acolhimento doméstico, em que viajantes pernoitavam em casas de moradores locais. Com o tempo, essa prática evoluiu para modelos mais organizados, mantendo, porém, a escala reduzida e o atendimento próximo.

As pousadas urbanas tendem a ocupar casarões antigos restaurados, sobrados adaptados ou terrenos compactos com unidades dispostas em torno de um pátio interno. Já as rurais ou ecológicas, comuns em áreas de turismo natural como a Chapada dos Guimarães ou o Pantanal, costumam valorizar a paisagem e utilizar materiais como madeira, pedra, barro e telhas cerâmicas.

FIGURA 14: MATERIAS



FONTE: Pinterest (2025)

Esse diálogo com o ambiente é uma das características mais valorizadas pelo público contemporâneo.

Do ponto de vista tipológico, existem pousadas para perfis variados condições de uso. Há pousadas de charme, voltadas a casais; pousadas-fazenda, com infraestrutura para atividades rurais; pousadas ecológicas, que priorizam a sustentabilidade e o turismo de natureza; além das pousadas temáticas, que resgatam referências culturais, históricas ou artísticas. Algumas incluem ainda pequenos centros de eventos, spas ou restaurantes abertos ao público.

FIGURA 15: CASA DO VALLE HOTEL BOUTIQUE (2025)



FONTE: Site casadovalle (2025)

Essa diversidade mostra a flexibilidade da tipologia, que pode ser adaptada a múltiplas realidades territoriais e demandas mercadológicas, sem perder sua essência acolhedora e personalizada.

Arquitetonicamente, as pousadas são um campo fértil para a experimentação criativa. Por não estarem presas a padrões corporativos ou escalas industriais, permitem explorar conceitos de design afetivo, arquitetura vernacular e soluções bioclimáticas.

A ambientação tende a valorizar a proximidade com o natural, com jardins internos, varandas amplas, iluminação suave e acabamentos artesanais. A disposição dos quartos, das áreas comuns e dos acessos é cuidadosamente pensada para garantir privacidade, mas também oportunidades de convivência. O mobiliário, muitas vezes rústico ou de design autoral, complementa essa proposta sensorial que vai além do simples ato de dormir fora de casa.

Além do valor econômico que representam, as pousadas têm papel social relevante. Elas dinamizam a economia local, gerando empregos diretos e indiretos, estimulando o artesanato, a produção de alimentos orgânicos e a prestação de serviços turísticos.

Ao inserir pequenas comunidades, podem fortalecer laços sociais e valorizar tradições culturais. Pousadas bem projetadas também contribuem para a preservação ambiental, ao adotar práticas sustentáveis e estimular o visitante à reflexão e ao cuidado com a natureza. Dessa forma, a pousada se consolida como uma tipologia estratégica para o turismo sustentável, a arquitetura responsável e a valorização do território.

2.3. BENEFÍCIOS SOCIAIS

Festas tradicionais, gastronomia local, música regional, artesanato e saberes populares podem ser integrados às atividades oferecidas por uma pousada com centro de eventos, proporcionando não apenas entretenimento ao visitante, mas também um resgate do orgulho cultural das comunidades locais. A arquitetura desempenha um papel importante nesse processo, ao refletir em seus elementos formais, materiais e simbólicos os traços da identidade regional. Dessa forma, o empreendimento se torna também um espaço de memória, convivência e expressão coletiva. A cultura local deixa de ser mero pano de fundo para se tornar protagonista da experiência de hospitalidade.

A infraestrutura construída, quando bem planejada, pode beneficiar também a população que vive ao redor, como assentamentos ou vilas, oferecendo espaços que possam ser usados para fins comunitários em horários ociosos. Salões, auditórios, jardins e cozinhas industriais podem ser cedidos para atividades sociais,

curiosos, reuniões, feiras ou celebrações locais, criando oportunidades para fortalecer o tecido comunitário.

A presença constante de visitantes, por sua vez, gera um intercâmbio cultural que estimula o diálogo, a empatia e o aprendizado mútuo.

Por fim, a implantação de uma pousada com centro de eventos contribui para descentralizar o turismo e redistribuir seus benefícios de forma mais justa. Enquanto os grandes centros urbanos concentram investimentos e oportunidades, áreas rurais permanecem muitas vezes à margem do desenvolvimento.

2.4. BENEFÍCIOS AMBIENTAIS

Os benefícios ambientais gerados por projetos de hospedagem planejados de forma sustentável, vão além da simples preservação do espaço físico. Eles estão associados à forma como a arquitetura se insere no território, respeitando a topografia, a vegetação nativa, os recursos hídricos e o microclima local. Um aspecto relevante na seleção de materiais, está em optar por insumos de origem local e de baixo impacto ambiental, como madeira certificada, adobe, tijolos ecológicos e telhas de fibra vegetal, reduz a emissão de carbono associada ao transporte e à produção dos materiais.

Além disso, o uso de materiais reciclados e reaproveitados contribui para a economia circular e diminui a extração de novos recursos naturais. A aplicação desses princípios exige criatividade por parte dos arquitetos e engenheiros, mas pode resultar em edificações mais belas, simbólicas e integradas ao seu entorno. O uso consciente de materiais não só respeita o meio ambiente, como também fortalece a identidade visual e cultural do projeto.

Além das questões técnicas, há também um papel educativo que os projetos sustentáveis podem desempenhar. Ao visitar uma pousada que adota boas práticas ambientais, o hóspede tem a oportunidade de conhecer soluções que alvez não aplique no cotidiano, mas que passam a fazer parte de seu repertório. Jardins filtrantes, hortas orgânicas, composteiras e sinalizações educativas sobre fauna e flora são formas de sensibilizar o visitante para a importância da preservação ambiental. Esse impacto simbólico e pedagógico é relevante, pois transforma o espaço de hospedagem em um laboratório vivo de boas práticas, com efeito multiplicador na consciência ecológica da sociedade.

A arquitetura, assim, deixa de ser apenas um abrigo físico e passa a ser instrumento de transformação cultural. Por fim, os benefícios ambientais gerados por projetos sustentáveis se refletem também na valorização econômica e simbólica do território.

3.1. LEGISLAÇÃO E NORMATIVAS NO ÂMBITO INTERNACIONAL

3.1.1. ISO 18513:2021

A ISO (Organização Internacional para Padronização) é uma federação global de organismos nacionais de normalização. Nela, foi criada a ISO 18513 em 2003, que depois em 20 de agosto de 2021 seria renovada. A norma tem o propósito de fornecer um vocabulário claro e padronizado para os meios de hospedagem turísticos.

A norma fornece definições claras e atualizadas sobre:

- Tipos de Meios de Hospedagem
 - Hotel, pousada, resort, albergue, alojamento rural, motel, hospedagem domiciliar, glamping, campings, apartamentos turísticos, entre outros.
- Tipos de Acomodações Internas
 - Quarto individual, duplo, triplo, suíte, suíte júnior, dormitório compartilhado, estúdios e mais.
- Serviços Associados
 - Recepção 24h, serviço de quarto, concierge, lavanderia, estacionamento, café da manhã incluso, espaços de coworking, entre outros.
- Instalações Comuns
 - Piscinas, spas, academias, salas de reuniões, centros de eventos, restaurantes, bares, áreas de lazer, playgrounds.

- Sustentabilidade e Acessibilidade
 - Termos relacionados a práticas sustentáveis, acessibilidade universal e responsabilidade social, alinhados às tendências atuais do turismo responsável.
- Novos Modelos de Hospedagem
 - Inclusão de definições para modelos modernos como:
 - Aluguel de curta duração (Airbnb e semelhantes).
 - Eco lodges e glamping.
 - Hospedagens colaborativas e hospedagem alternativa.

As principais mudanças na norma nesses 18 anos foram:

- Inclusão de novos termos e conceitos adaptados à realidade atual do turismo.
- Adequação às práticas digitais, como plataformas online de reservas e economia compartilhada.

- Maior enfoque em sustentabilidade, acessibilidade e inclusão.
- Termos mais específicos para garantir clareza na comunicação global.

Infere-se portanto, que a norma 18513 sobre turismo e serviços relacionados, promove a comunicação clara e precisa entre empresas, clientes, plataformas de reservas e órgãos reguladores em diferentes países. Ao unificar os termos e definições, contribui para a transparência dos serviços, facilita acordos comerciais internacionais e melhora a qualidade da experiência dos hóspedes. Além disso, reflete as tendências atuais, incorporando conceitos de sustentabilidade, acessibilidade e novos modelos de hospedagem, tornando-se essencial para a modernização e profissionalização do setor de turismo em todo o mundo.

3.2 - LEGISLAÇÃO E NORMATIVAS NO ÂMBITO NACIONAL

3.2.1. NBR 15401

Publicada pela ABNT em 30 de junho de 2006, a norma estabelece os critérios e requisitos para classificar as variações de hospedagem por estrelas, e diretrizes para a gestão do turismo sustentável.

Essa norma orienta empreendimentos turísticos a promoverem o equilíbrio entre os aspectos ambientais, socioculturais e econômicos, incentivando a conservação dos recursos naturais e culturais e a participação das comunidades locais. Um trecho importante da norma, encontrada no item 42 destaca:

a organização deve estabelecer uma política de turismo sustentável com o compromisso de prevenção da poluição, conservação do

patrimônio natural e cultural e respeito à comunidade local.

Tal orientação ressalta o alinhamento do projeto com princípios de sustentabilidade e responsabilidade social, fundamentais para empreendimentos turísticos duradouros.

Somado à isso, vale ressaltar que a acessibilidade é um dos pilares mais importantes da NBR 15401, pois garante que as acomodações estejam preparadas para receber todas as pessoas, incluindo aquelas com deficiência física, visual, auditiva, intelectual ou pessoas com mobilidade reduzida .

3.2.2. NBR 9050

Ainda priorizando o conforto e a inclusão, fez-se análise da Norma técnica de acessibilidade, tendo sua atualização mais recente publicada pela ABNT em 03 de agosto de 2020. É crucial em estabelecer os critérios de acessibilidade em edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos no Brasil. Tem como principal objetivo garantir que todas as pessoas, possam acessar e utilizar os ambientes com segurança, autonomia e dignidade.

Entre os panoramas apresentados pela NBR 9050, os analisados para esse projeto foram: largura mínima de portas e corredores, dimensões de rampas, banheiros acessíveis, instalação de corrimãos, sinalização tátil e visual, e espaços de manobra para cadeiras de rodas.

Aprofundando um pouco mais no que é apresentado dentro de cada um desses parâmetros, encontra-se análises e pontos muito objetivos dentro de cada tópico. Por exemplo, na dimensão de rampas, a altura e largura fundamental do corrimão. Na sinalização tátil, o espaçamento entre cada piso. Entre outros demais exemplos encontrados, isso mostra como a norma é completa e com ideias bem difundidas.

Em suma, a NBR 9050 representa um marco na luta por cidades mais inclusivas, igualitárias e humanas. Aplicá-la vai além de uma exigência técnica: é um compromisso ético com a diversidade, a cidadania e o respeito aos direitos de todos.

3.2.3. NBR 9077

A NBR 9077, publicada em agosto de 1993 (com alterações ao decorrer dos anos) trata das saídas de emergência em edifícios, definindo critérios técnicos para garantir a evacuação segura de pessoas em situações de risco, como incêndios ou outros acidentes.

A norma determina aspectos fundamentais como a largura mínima de corredores e portas, sinalização adequada, iluminação de emergência e tempo máximo de evacuação. Em locais de grande circulação, como casas de shows, teatros, estádios e centros de convenções, o cumprimento da NBR 9077 é vital para proteger vidas e evitar tragédias. Como mostrado na definição 3.48:

3.48 Saída de emergência, rota de saída ou saída Caminho contínuo, devidamente protegido, proporcionado por portas, corredores, halls, passagens externas, balcões, vestíbulos, escadas, rampas ou

outros dispositivos de saída ou combinações destes, a ser percorrido pelo usuário, em caso de um incêndio, de qualquer ponto da edificação até atingir a via pública ou espaço aberto, protegido do incêndio, em comunicação com o logradouro.

Analisa-se a preocupação e a importância dessa norma ao prevenir ocorrências, como na criação de um centro de eventos envolto de uma pousada, o estudo desse ofício mostra-se fundamental.

3.3. LEGISLAÇÃO E NORMATIVAS NO ÂMBITO REGIONAL

3.3.1. LEI ESTADUAL Nº 10.861, DE 28 DE JANEIRO DE 2019, DO ESTADO DE MATO GROSSO,

A Lei do Turismo Rural na Agricultura Familiar (TRAF) do dia 28 de janeiro de 2019, foi criada para valorizar e regulamentar o turismo realizado dentro das propriedades rurais da agricultura familiar no estado de Mato Grosso.

Ela reconhece que além da produção agrícola, os agricultores familiares podem oferecer atividades turísticas como uma forma de gerar renda extra, preservar sua cultura, proteger o meio ambiente e compartilhar seu modo de vida com os visitantes. Em seu artigo 1º é dito que:

Ficam definidas como atividades de Turismo Rural na Agricultura Familiar - TRAF, todas as atividades turísticas que

ocorrem na unidade de produção dos agricultores familiares que mantêm as atividades econômicas típicas da agricultura familiar, dispostos a valorizar, respeitar e compartilhar seu modo de vida, o patrimônio cultural e natural, ofertando produtos e serviços de qualidade e proporcionando bem estar aos envolvidos.

Formas de ocorrer o TRAF, segundo o artigo 2º:

Consideram-se atividades de Turismo Rural na Agricultura Familiar - TRAF as seguintes formas de ocorrência: I - comercialização de produtos alimentícios in natura de origem local; II - comercialização de produtos

transformados, produtos de origem animal e produtos de origem vegetal, inclusive demonstrando o processo de produção dos mesmos; III - comercialização de artesanato, demonstração de suas práticas de produção com aproveitamento de produtos, resíduos ou não, de origem vegetal, animal ou mineral; IV - produção rural, onde as atividades produtivas da propriedade são utilizadas como atrativos, por meio de demonstrações sobre as técnicas de produção; V - educação ambiental, através de visitas e atividades educativas ligadas ao meio ambiente e/ou atividades agrícolas; VI - serviços de lazer, através de atividades que proporcionam entretenimento aos visitantes, inclusive práticas físicas e passeios a locais de interesse natural ou cultural; VII - serviços de alimentação, através de estabelecimentos como restaurantes e lanchonetes, que ofereçam alimentação típica ou de preparo especial; VIII - serviços de hospedagem, através de pousadas, hospedarias, entre outros estabelecimentos que estejam envolvidos com a produção rural; IX - serviços ambientais em áreas naturais, áreas localizadas no meio rural, áreas protegidas legalmente (Reserva Legal, Área de Preservação Permanente, Reserva Particular do Patrimônio Natural) ou desprovidas de tais normas jurídicas, que se transformam em atrativos turísticos de importância regional; X - patrimônio histórico, através da história da agricultura e das comunidades de uma localidade ou região, que se valoriza com a proposta do turismo, com os projetos de recuperação, uso compatível com o seu objetivo e com a inserção de capital público e privado.

3.3.2. LEI COMPLEMENTAR Nº 150, DE 29 DE JANEIRO DE 2007.

A Lei que dispõe o Plano diretor de Cuiabá, foi criada em 2007, e com o tempo, o plano sofreu atualizações. É um instrumento legal que orienta o crescimento ordenado e sustentável da cidade. Embora seu foco principal seja a área urbana,

ele também contempla diretrizes específicas para a zona rural, visando promover o desenvolvimento agrícola, a preservação ambiental e a melhoria da qualidade de vida dos habitantes rurais. Como citado nas diretrizes de desenvolvimento estratégico no item II do

Artigo 9º:

II - implementar a Política Municipal de Desenvolvimento Urbano e Rural, visando a recuperar a capacidade de ordenação do seu crescimento;

Ao integrar as áreas rurais ao planejamento urbano, o município valida uma visão de futuro mais ampla, e que compreende a cidade não apenas como um espaço construído, mas como um conjunto articulado de territórios com diferentes vocações e demandas. Destaca-se também a preocupação do plano em garantir o fomento de turismo para essas regiões que são pouco exploradas, como citado nas diretrizes específicas no crescimento do turismo municipal, no item X do Artigo 18º:

X - estimular o turismo de negócio e o turismo rural;

Isso mostra que é possível a implementação de pousadas e de centros de eventos nessas localidades, pois além de estimular o turismo rural, fomentaria o crescimento econômico da área.

4. PROJETOS DE REFERÊNCIAS

4.1 - PROJETOS E ESTUDO DE CASO

A fundamentação projetual do trabalho é enriquecida pela análise de estudos de caso e referências que adotam abordagens inovadoras na integração entre arquitetura, natureza e atividades de lazer e eventos. Essas referências contribuem para a definição de estratégias projetuais adequadas ao contexto rural e ao programa proposto.

4.1.1. POUSADA VENTO VINTE

A Pousada Vento Vinte, em Trairí-Ce, teve sua inauguração no ano de 2023 e foi construída pelo escritório Lins arquitetos e associados.

FIGURA 16: VISTA AÉREA POUSADA VENTO VINTE



FONTE: Archdaily (2024)

É um exemplo marcante de integração entre paisagem natural e arquitetura vernacular reinterpretada.

FIGURA 17: VISTA EXTERNA BANGALÔ



FONTE: Archdaily (2024)

O uso predominante da madeira, do bambu, da palha de carnaúba e a alvenaria crua, cria uma linguagem estética que combina rusticidade e elegância.

O projeto foi escolhido como referência por carregar beleza na simplicidade dos bangalôs, que acima de tudo conversam com o cenário inserido. Como exemplo, são as disposições dos bangalôs que foram influenciadas pela preservação dos coqueirais existentes na beira da praia, a fortalecendo a identidade regional, o respeito à natureza e os princípios arquitetônicos.

FIGURA 18: IMPLANTAÇÃO POUSADA VENTO VINTE



FONTE: Archdaily (2024)

Aliado a soluções de conforto ambiental passivo, (ventilação cruzada, sombreamento estratégico e orientação solar adequada), a pousada demonstra uma resposta inteligente ao clima quente e aos ventos constantes da zona costeira, como analisado na figura abaixo.

FIGURA 19: INTERIOR DO BANGALÔ



FONTE: Archdaily (2024)

As coberturas em laje, que revelam um rooftop particular acessado por uma escadaria externa, que é coberto por um telhado elaborado de bambu e palha,

evocam a arquitetura tradicional das casas de pescadores da região.

FIGURA 20: COBERTURA DO BANGALÔ



FONTE: Archdaily (2024)

A arquitetura da Pousada Vento Vinte é, portanto, mais do que um abrigo para o visitante: é uma experiência sensorial que valoriza o lugar, sua cultura e seus elementos naturais. Uma expressão elegante e consciente de como se pode construir com respeito e beleza no litoral do Nordeste brasileiro.

4.1.2. PARADINHA 11

A posada Paradinha 11 é composta por cabanas na Floresta, em Alvarenga Portugal, foi inaugurada no ano de 2021 e foi projetada pelo escritório SUMMARY Arquitetura. São nomeadas como uso misto pois servem tanto como turismo como habitação fixa.

FIGURA 21: POUSADA PARADINHA 11



FONTE: Archdaily (2023)

Embora internacional, guarda proximidade com realidades brasileiras

ao explorar uma estética minimalista e modular. As cabanas em madeira pré-fabricada se inserem discretamente na paisagem florestal, se adaptando à topografia e demonstrando uma abordagem de baixo impacto ambiental e alta eficiência construtiva.

FIGURA 22: IMPLANTAÇÃO



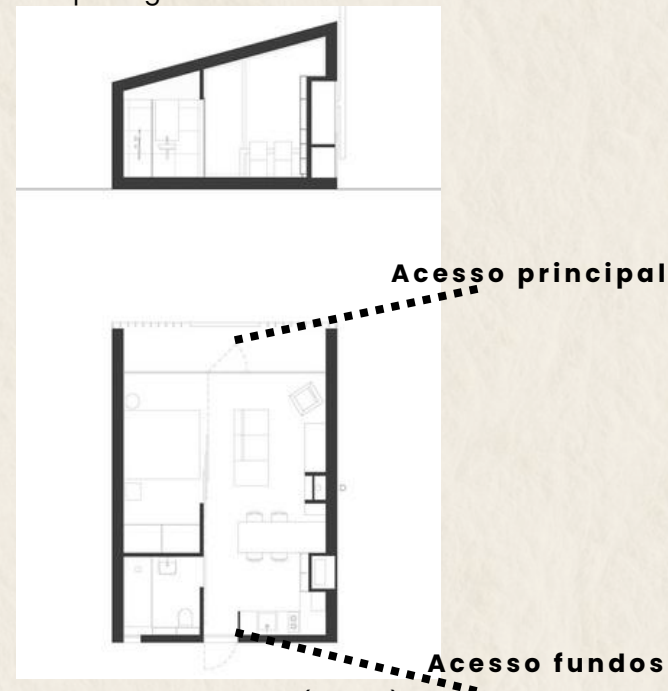
FONTE: Archdaily (2023)

O projeto equilibra rusticidade e sofisticação, com foco na privacidade e na relação íntima entre o visitante e a natureza. Por ser um projeto dispendioso, métodos além da madeira pré fabricada foram adotados, como a instalações

técnicas estarem instaladas em um só ponto estratégico, o que acelerou o processo de produção e montagem, barateando a mão de obra. As cabanas combinam madeira, concreto, pedra e vidro. As varandas com ripas amadeiradas ofertam privacidade e filtragem de luz natural.

O projeto contém 11 pequenas cabanas, com quatro tipologias distintas que variam entre 28m² e 58m².

FIGURA 23: Tipologia Planta baixa e corte



FONTE: Archdaily (2023)

Além de tudo, as pequenas casinhas estão em diferentes orientações por conta da incidência solar local, o que facilitou na condição térmica específica de cada uma.

FIGURA 24: BANGALÔ PARADINHA 11



FONTE: Archdaily (2023)

Esse projeto se destaca como referência pelo bom uso da topografia, orientação solar, e materiais construtivos que casam com o local inserido. Ressalta-se a bom uso e disposição os cômodos, tendo em vista que os bangalôs são pequenos.

Essa proposta pode ser reinterpretada no contexto do Cerrado como modelo de escalabilidade e replicabilidade para áreas de preservação ou uso turístico controlado.

4.1.3. DJATI LOUNGE AND DJOGLO BUNGALOW

Situado na Indonésia, foi inaugurado no ano de 2015, o responsável pela criação foi o escritório MINT-dS. O Djati é um complexo de Bangalôs e Lounge situado na cidade montanhosa de Blimbing, na Indonésia. Conta com 11 bangalôs, um campo de golfe e um grande salão multifuncional que em dias normais oferece serviço de restaurante, podendo se transformar em um local para eventos diversos.

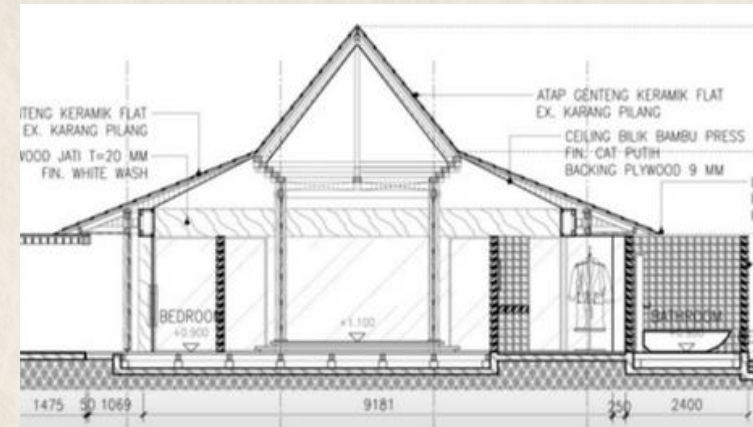
FIGURA 25: Djati Lounge



FONTE: Archdaily (2017)

Oferece um paralelo importante ao explorar a ancestralidade construtiva em harmonia com soluções contemporâneas. Com estruturas de madeira nobre reaproveitada e cobertura tradicional (Joglo), o projeto combina espiritualidade local, baixo impacto ambiental e excelência estética.

FIGURA 26: cobertura tradicional (Joglo)



FONTE: Archdaily (2017)

O "*Joglo*" é um tipo de telhado javanês construído com telha terracota e tem a parte central do telhado levantada e compostas por colunas de madeira principais (*saka guru*). Esse tipo de cobertura se assemelha muito à uma pirâmide.

O *Joglo* é constituído por duas partes: O *pendopo* é a parte frontal, usada para receber convidados ou como um hall. Já o *dalem* é a seção interna com um tipo de muro e ambientes como dormitórios e cozinha.

FIGURA 27: visão interna JOGLO



FONTE: Archdaily (2017)

A espacialidade aberta e ventilada, somada ao uso extensivo de elementos naturais, mostra uma arquitetura que prioriza o clima e a paisagem como agentes formadores da experiência.

FIGURA 28: Salão multifuncional



FONTE: Archdaily (2017)

A presença de áreas comuns com valor simbólico e social pode ser transposta para centros de eventos com foco em interação e contemplação.

O destaque desse projeto fica por conta do grande salão multiuso central. Semelhante ao proposto nesse trabalho, o salão além de grandes eventos, é composto de um restaurante para atender os hóspedes. O que fomenta a interação entre clientes, aumenta a procura pelo lugar, e gera aumento lucrativo.

4.2 ANÁLISE DE REFERÊNCIAS

TABELA 01: ANÁLISE DE REFERÊNCIAS

ATRIBUTO	VARIÁVEIS	REFERÊNCIAS		
		PROJETO 01	PROJETO 02	PROJETO 03
E S T R U T U R A F Í S I C A	TÍTULO	Vento vinte	Paradinha 11	Djati Lounge and Djoglo Bungalow
	SITUAÇÃO ATUAL	Em funcionamento	Em funcionamento	Em funcionamento
	ANO DE CONCLUSÃO	2023	2021	2015
	LOCALIZAÇÃO	Trairi, Brasil	Alvarenga, Portugal	Blimbing, Indonésia
	METRAGEM m²	460	512	13302
	PARTIDO ARQUITETÔNICO	Pousada	Pousada	Pousada
	AMBIENTES PROJETADOS	Bangalôs, recepção, estacionamento e acesso à praia	Bangalôs	Bangalôs, restaurante/salão multifuncional
	MATERIAIS CONSTRUTIVOS	vidro, bambú, concreto, tijolo cerâmico maciço	vidro, madeira, concreto terracota	vidro, madeira, concreto terracota
	INSTRUMENTOS COMPLEMENTARES	Praia	Floresta	Campo golfe
	ENTORNO	Litoral	Floresta temperada	Montanhas

FONTE: Autoria própria (2025)

5. CONDICIONANTES DE PROJETO

5.1 - LOCALIZAÇÃO



MAPA 01: TERRITÓRIO
BRASIL



MAPA 02: TERRITÓRIO
MATO GROSSO



MAPA 03: TERRITÓRIO
CUIABÁ

Fonte: wikipédia, modificado
por Autoria própria (2025)

5.1.1. ASPECTOS URBANOS E GEORÁFICOS

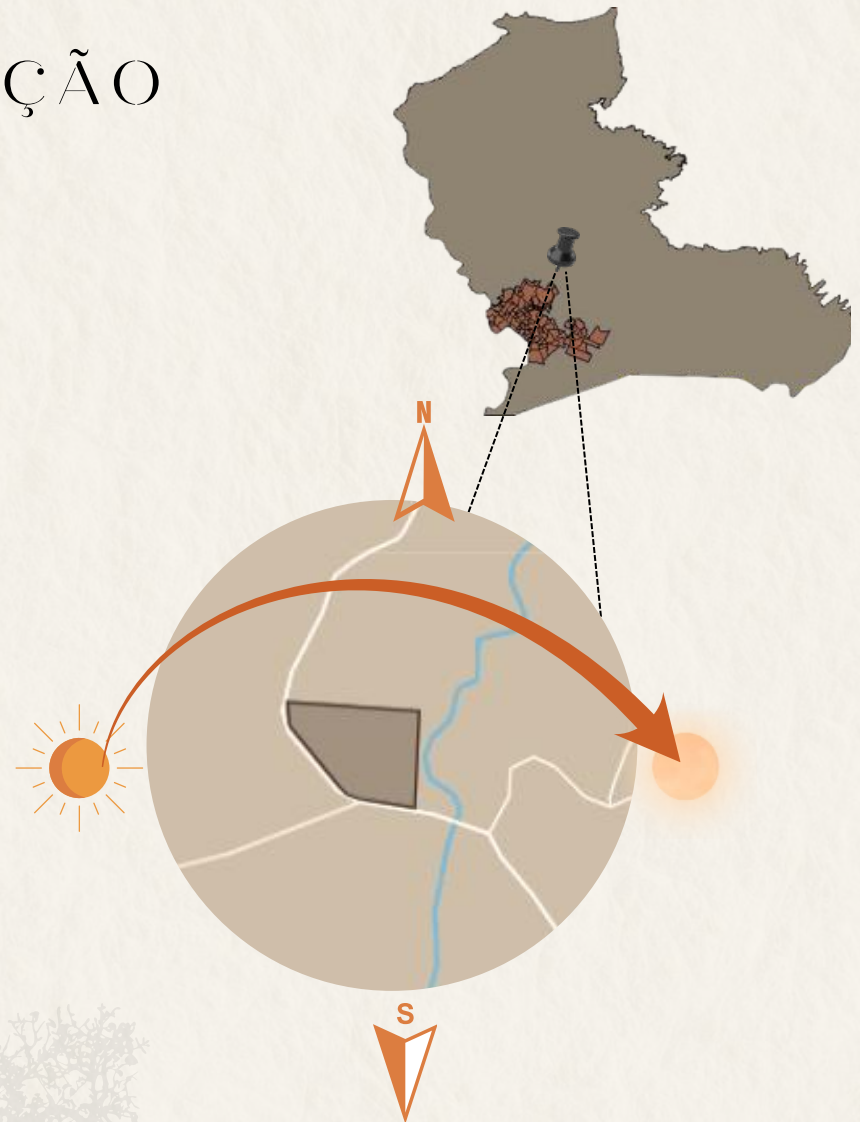
O município de Cuiabá, é a Capital do estado de Mato Grosso. Localizado ao sul do estado, possui uma área territorial de aproximadamente 4.327,220km² [IBGE 2024]. A população estimada é de 682.932 habitantes e conta com uma densidade demográfica de 150/41m² [IBGE 2022]. Os municípios limítrofes que são próximos à Cuiabá são: Chapada dos Guimarães, Campo Verde, Santo Antônio do Leverger, Várzea Grande e Acorizal [BRASIL ESCOLA]. Em relação ao clima, é predominantemente tropical de savana, com período chuvoso de outubro à abril, e seca de maio à setembro.

5.1.2. ÁREA DE INTERVENÇÃO

A área de intervenção está localizada em Coxipó da ponte, zona rural de Cuiabá. Encontra-se próxima ao Parque novo mato grosso e próxima ao grande empreendimento residencial Ginco cidade jardim.

Possui uma testada de aproximadamente 63 metros e por ser curvo e ao lado de uma estrada, sua lateral conta com 336 metros. A outra lateral, vizinha de uma propriedade privada, possui 304 metros e seu fundo possui 199 metros, dispondo de uma área de proteção permanente, devido a passagem do rio bandeira em seu limite, esse rio banha toda a região e é um braço do rio cuiabá.

Em relação a orientação solar, o terreno possui sol presente visto que, apenas as árvores provém a sombra. O sol nasce para o lado da entrada principal e se põe ao fundos do terreno.



Fonte: My Maps, modificado por
Autoria própria (2025)

5.1.3. JUSTIFICATIVA DE ESCOLHA

A escolha de tal localidade para a implantação do projeto, deu-se devido a localização próxima de grandes novos empreendimentos, como explicado acima, destaca-se o parque novo mato grosso, que será polo central de eventos diversos como esportivos e recreativos. Segundo a secretaria de comunicação do estado (2024), está cotado para ser o maior espaço de eventos da américa latina.

Contudo, viu-se a necessidade de um polo de hospedagem próximo, para atender não só turistas e visitantes desse grande projeto, mas que também atraia o público cuiabano e regional por oferecer além da parte de hotelaria, um espaço para a realização de eventos no geral.

5.1.4. USO DO SOLO

Dada a estipulação da Zona de Classificação, estabelece-se também os índices urbanísticos possíveis de alcance para o terreno, por ser localizado fora da zona urbana da cidade, não obedece ao plano diretor estabelecido.

TABELA 02: ÍNDICES URBANÍSTICOS

ÍNDICES URBANÍSTICOS								
Zonas Urbanas	Coeficiente de Ocupação	Cobertura Vegetal Paisagística	Cobertura Vegetal Arbórea	Coeficiente de permeabilidade e	Potencial construtivo o	Limite de adensament o	Potencial construtivo Excedente	Gabarito de altura
Rural	0,2	0,2	0,1	0,7	0,2	1 P/100M²	-	2 pav
ÍNDICES APLICADOS AO TERRENO								
A. terreno	Coeficiente de Ocupação	Cobertura Vegetal Paisagística	Cobertura Vegetal Arbórea	Coeficiente de permeabilidade e	Potencial construtivo o	Limite de adensament o	Potencial construtivo Excedente	Gabarito de altura
50.000 m²	10.000 m²	10.000 m²	5.000m²	35.000 m²	10.000 m²	500 PESSOAS	-	9,0 m

Fonte: Autoria própria (2025)

5.2 - INFRAESTRUTURA

5.2.1. ILUMINAÇÃO

A região, localizada na zona rural, não conta com sistema de iluminação pública. Essa ausência de infraestrutura elétrica básica é comum em áreas mais afastadas dos centros urbanos. A falta de iluminação compromete a mobilidade noturna dos moradores, porém preserva uma atmosfera serena, característica das áreas rurais, onde o céu estrelado e o contato com a natureza se destacam.

FIGURA 29: estrada em frente ao terreno



FONTE: (google earth, 2025)

5.2.2. ABASTECIMENTO DE ÁGUA

O local determinado possui um poço artesiano, que abastece uma caixa d'água central. O poço capta a água do lençol freático por ser bem próximo ao rio Bandeira.

FIGURA 30: Rio bandeira ao fundo do terreno



FONTE: (google earth, 2025)

5.2.3. ENERGIA

A região conta com rede de energia elétrica instalada, garantindo o fornecimento regular de eletricidade para os imóveis da região. Essa infraestrutura possibilita o uso de equipamentos domésticos e agrícolas, contribuindo para o conforto e o bom funcionamento das atividades locais.

5.2.4. VIAS

O trecho viário que percorre a região é todo de estradas não pavimentadas, logo, não possuem recuos, calçadas ou até mesmo sinalização. Essas estradas servem para percorrer todo o trajeto de determinada área rural e levam até a rodovia Emanuel Pinheiro, que pode ser considerada via arterial e liga essa área com a cidade.

FIGURA 31: Representação gráfica das vias ao lado do terreno



FONTE: (My maps, 2025)

● Via não pavimentada

5.2.5. VEGETAÇÕES EXISTENTES

O terreno, em sua totalidade é composto por vegetações arbóreas e rasteiras, de acordo. Dessa forma, no projeto foi realizado a conservação de uma parcela dessa massa verde, e caso fosse necessário um outro tipo de calçamento, foram adotadas soluções permeáveis.

FIGURA 32: imagem interna do terreno

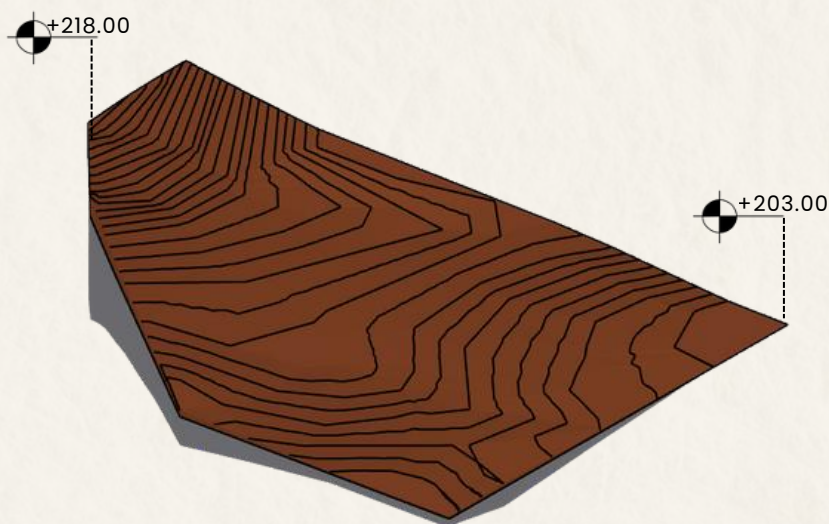


FONTE: (Proprietário, 2025)

5.2.6. LEVANTAMENTO PLANALTIMÉTRICO

Após analisar os dados topográficos da área de intervenção, através de informações obtidas pelo google earth e o software Camdapper, foi possível averiguar que o terreno apresenta uma topografia em delive e com desníveis em maioria suaves pela distância entre eles. Ao observar a figura 33, nota-se que os níveis mais altos encontram-se no acesso do terreno, enquanto o níveis mais baixos estão localizados na parte posterior do terreno. O nível mais alto da área de intervenção é de 218.00, enquanto o nível mais baixo é de 203.00. Sendo assim, a diferença entre esses pontos é de 15 metros.

FIGURA 33: terreno e desníveis



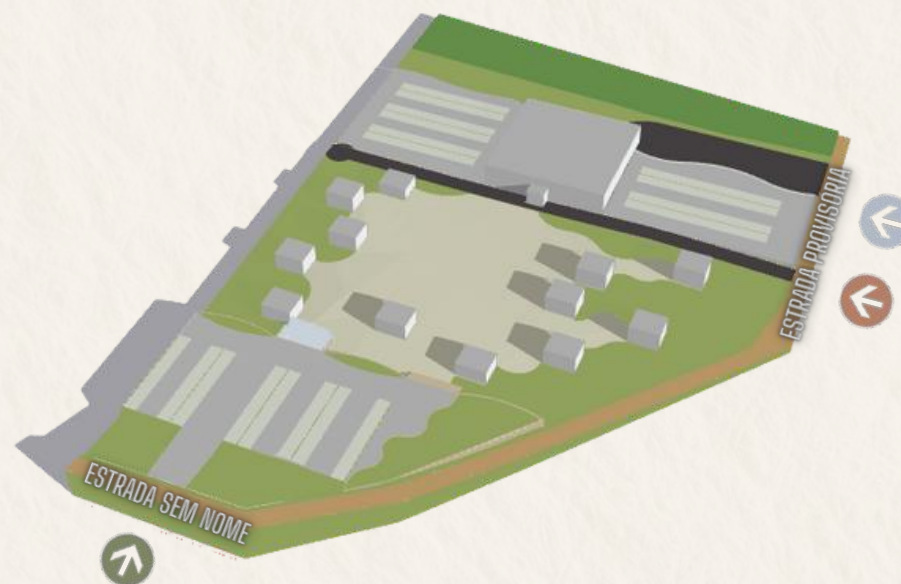
FONTE: Autoria própria (2025)

5.2.7. ACESSOS E FLUXOS

O local de intervenção está entre duas ruas com baixa movimentação de veículos. A lateral está na estrada provisória parque novo Mato grosso, e a sua testada, e único acesso existente, até então, localiza-se em uma estrada sem nome definido. Para melhor distribuição

dos fluxos de entrada e saída, foram criados dois novos acessos ao terreno, pela estrada da lateral. Contudo os acessos foram determinados como a imagem e legenda a seguir:

FIGURA 34: Volumetria com acessos



FONTE: Autoria própria (2025)

- Acesso ao estacionamento da pousada;
- Acesso ao estacionamento e embarque e desembarque do salão de festas
- Acesso técnico as docas, coleta de lixo e abastecimento

6.1 - PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO

Esse programa foi desenvolvido através de estudos e inspirações das análises dos projetos de referências mencionados anteriormente, e projetos arquitetônicos voltados para a área. Ao fim das análises, foi identificado os ambientes fundamentais para atender a demanda e também a necessidade da alteração de alguns métodos construtivos ou estéticos para que o projeto se encaixe com a identidade visual do ambiente em que está inserido.

Assim, a pousada foi dividida da seguinte forma:

- 11 chalés de 123,67M², no qual possui duas disposições de cômodos diferentes: uma para atender um casal ou uma pessoa portadora de necessidades

especiais, conta com circulação e banheiro maiores. E outro que atenda de 3 à 5 pessoas simultaneamente, com uma área íntima maior para atender a demanda de aposentos, porém o ganho de espaço deu-se a diminuição do banheiro, que agora passa-se a ser de uso estritamente individual;

- 1 recepção de 122,00m² que atenda demandas administrativas e auxílio aos hóspedes;
- 1 salão de festas equipado com cozinha, depósitos, entre outros para melhor receber os convidados em eventos variados.

Abaixo, serão identificadas as tabelas e todos os ambientes necessários:

TABELA 03: PRÉ DIMENSIONAMENTO RECEPÇÃO

EDIFICAÇÃO RECEPÇÃO	AMBIENTE	DESCRIÇÃO	A. TOTAL
	RECEPÇÃO	Recepção para os hóspedes procurarem apoio ou materiais necessários.	88,25
	ADMINISTRAÇÃO	Utilizada para controle de materiais ou orçamentários do local.	9,50
	COPA	Para descanso e intervalo dos funcionários do local.	8,90
	DEPÓSITO	Para guardar utensílios de abastecimento da pousada.	6,10
	W.C. PCD FEM.	Utilizada para necessidades pessoais.	6,25
	W.C. PCD MASC.	Utilizada para necessidades pessoais.	6,25

Fonte: Autoria própria (2025)

TABELA 03: PRÉ DIMENSIONAMENTO CHALÉ

CHALÉ	EDIFICAÇÃO	AMBIENTE	DESCRIÇÃO	A. TOTAL
		A. SOCIAL	Hall de entrada, cozinha e sala de jantar, espaço para interação dos hóspedes.	29,90
		A. ÍNTIMA	Quarto equipado com guarda roupas e espaço para leitura.	29,42
		BANHEIRO	Utilizada para necessidades pessoais.	10,50
		VARANDA	Para recreação e lazer dos hóspedes.	44,50

Fonte: Autoria própria (2025)

EDIFICAÇÃO

SALÃO DE FESTAS

TABELA 03: PRÉ DIMENSIONAMENTO CHALÉ

AMBIENTE	DESCRIÇÃO	A. TOTAL
SALÃO PRINCIPAL	Realização de festas, reuniões e eventos em geral.	912,28
W.C. MASC	Utilizada para necessidades pessoais.	40,00
W.C FEM.	Utilizada para necessidades pessoais.	40,00
W.C. PCD FEM.	Utilizada para necessidades pessoais.	5,85
W.C. PCD MASC.	Utilizada para necessidades pessoais.	5,85
FRALDÁRIO	Utilizada para necessidades pessoais.	5,85
APOIO	Guarda de utensílios e equipamentos	5,85
COZINHA	Preparação e cocção de alimentos	121,40
FRIEZER	Estocamento de alimentos congelados ou frescos.	9,70
DEP. SECO	Estocamento de alimentos não perecíveis.	9,90
COPA	Guarda de louças e utensílios de cozinha	6,90
LAVAGEM	Lavagem e desintoxicação de alimentos frescos.	9,90
APOIO	Guarda de utensílios e equipamentos	6,90
DML	Guarda de utensílios e equipamentos de limpeza.	6,90
DEPÓSITO	Guarda de utensílios e equipamentos	27,15
ABRIGO LIXO	Descarte de materiais	13,65
DOCA	Checada de materiais, utensílios e alimentos.	71,30
A. EXTERNA	Realização de festas, reuniões e eventos ao ar livre.	1045,56

Fonte: Autoria própria (2025)

6.2 - PÚBLICO ALVO

O projeto consiste na elaboração de uma edificação destinada hospedagem, celebrações e lazer. Por isso, o público alvo do projeto são pessoas de todas as idades. Prontamente adiantado que crianças ou adolescentes só se hospedam ou entram no local acompanhados por um responsável.

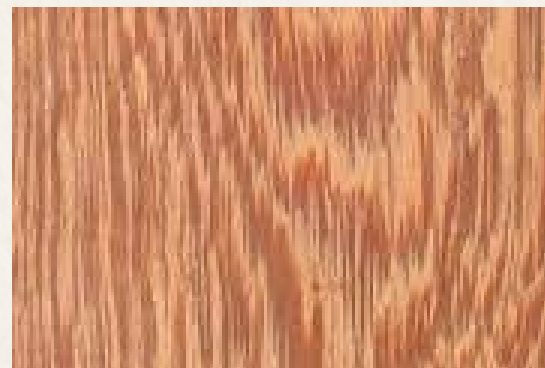
Dessa forma, considerando que existam 6 chalés coletivos e 5 individuais, e que o salão de festas comporte entre 250 e 500 pessoas, a quantidade de usuários do espaço pode variar entre 275 à 540 pessoas, dado ao cenário em que todos os chalés estejam ocupados.

6.3 - TECNOLOGIAS E INSTRUMENTOS PROJETUAIS

6.3.1. MADEIRA

A madeira nesse projeto será utilizada na cobertura de todas as edificações, em tesouras e vigas além de alguns pilares na cobertura das áreas externas. A madeira escolhida foi a Angelim pedra, boa resistência e durabilidade além de bom desempenho em pilares, telhados e uso externo.

FIGURA 35: Angelim pedra



FONTE: (impérios madeira, 2025)

6.3.2. ELEMENTOS VAZADOS

As paredes de cobogós estão presentes tanto como vedação como divisão de ambientes. No caso da vedação foi implantada na fachada curva da varanda do chalé, trazendo privacidade e conforto térmico já que a disposição dos tijolos fornecem correntes de ar. E em divisão de ambientes nas áreas íntimas e também nos banheiros do salão de festa criando diferentes halls para os ambientes.

FIGURA 36: parede curva com cobogó



FONTE: (Architects need 2025)

O material proposto são os tijolos ecológicos, que, além de uma solução sustentável, harmoniza-se perfeitamente

com a estética mais rústica e campestre do local.

6.3.3. ILUMINAÇÃO NATURAL

Além dos cobogós citados acima, outras soluções foram adotadas para a captação de iluminação natural, como as tesouras aparentes no salão de festas que receberão apenas um vidro para vedação, as grandes janelas que estão presente em todas as edificações e o destaque para a clarabóia no banheiro de todos os chalés. O intuito, além de trazer a luz direta do sol para um ambiente tão arejado, foi a imersão no ambiente natural e a sensação de banhos ao ar livre.

6.3.4. COBERTURA EM TELHA CERÂMICA CHATA

O uso da telha cerâmica chata, foi definida a partir da fundamentação estética onde sua cor e inclinação faria possível a criação desses casebres com uma estéticarústica e campestre, inspiradas em casas enxaimel.

pisos com tons que relembrem materiais naturais, como o granilite e o porcelanato com cor de madeira.

FIGURA 37: telhado enxaimel com telha chata



FONTE: (Rota do enxaimel 2021)

Contudo, além dos materiais citados, foram cotados pedras naturais para composições de fachadas, esquadrias de alumínio em tons cobreados para não fugir dos tons terrosos já encontrados na telha e nos tijolos e

7.1 - IMPLANTAÇÃO

FIGURA 38: Implantação



FONTE: Autoria própria (2025)

Para melhor entendimento a implantação foi dividida em 4 áreas:



Acessos e Estacionamentos



Lazer



Áreas técnicas



Edificações

1

Para a pousada, o acesso ao estacionamento se dá por uma rampa em declive até chegar em um platô o bolsão de estacionamento possui 120 vagas, sendo elas 4 PCD que são mais próximas da rampa de acesso aos chalés;

de estacionamento com 96 vagas sendo 3 PCD. E a via finaliza com um cul de sac que tem a função de retorno para a via oposta, para a saída do local;

2

Para o salão de festas o acesso ao estacionamento se dá pela estrada lateral, o primeiro bolsão de estacionamento se encontra próximo a entrada e possui 96 vagas sendo 3 PCD. Seguindo em frente encontrase o embarque e desembarque para convidados de eventos no salão de festas, logo à frente, mais um bolsão

3

O último acesso, usado restritamente para funcionários e carga e descarga, leva diretamente à estação de docas que comportam 2 caminhões e abrigo de lixo, e comportam um caminhão. O tamanho da via é suficiente para manobras de entrada e saída;

4

As duas principais áreas técnicas são as caixas d'água de taça e o abrigo de gás, estão próximas as vias internas para acesso fácil de caminhões e carros de prestadores de serviços e abastecimentos;

5

Espaço para passeios ao ar livre e contemplação, espaço arborizado e com calçamento em paver permeáveis;

6

Lago artificial para banho e lazer, inclui uma faixa de areia, pedras e arborização;

7

Espaço que dá para os fundos do salão de festas, uma espécie de pomar, com árvores frutíferas ideal para passeios.

8

Área de proteção permanente, mata conservada e próxima ao leito do rio bandeira;

9

Espaços arborizados próximos aos chalés, dando mais privacidade ao hóspede e proporcionando piqueniques ao ar livre;

10

Recepção para check-in e auxílio aos hóspedes;

11

Salão de festa para realização de eventos em geral;

12

Chalés equipados para acolher e atender todos os hóspedes;

7.2 - LAYOUT

7.2.1. CHALÉS

FIGURA 39: Layout chalé 01/02



CHALÉ 01



CHALÉ 02

FONTE: Autoria própria (2025)

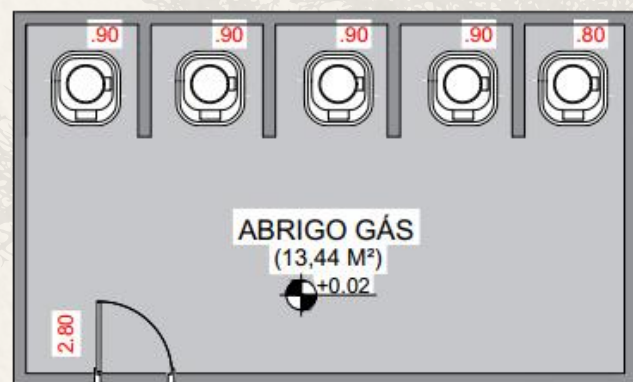
A disposição dos cômodos foi pensada para trazer o melhor conforto aos hóspedes. Banheiro naturalista, área social e íntima ampla além de uma área externa tranquila e aconchegante.

7.2.2. RECEPÇÃO E GÁS

Recepção ampla para atender a demanda dos hóspedes além de espaços para funcionários trabalharem com conforto.

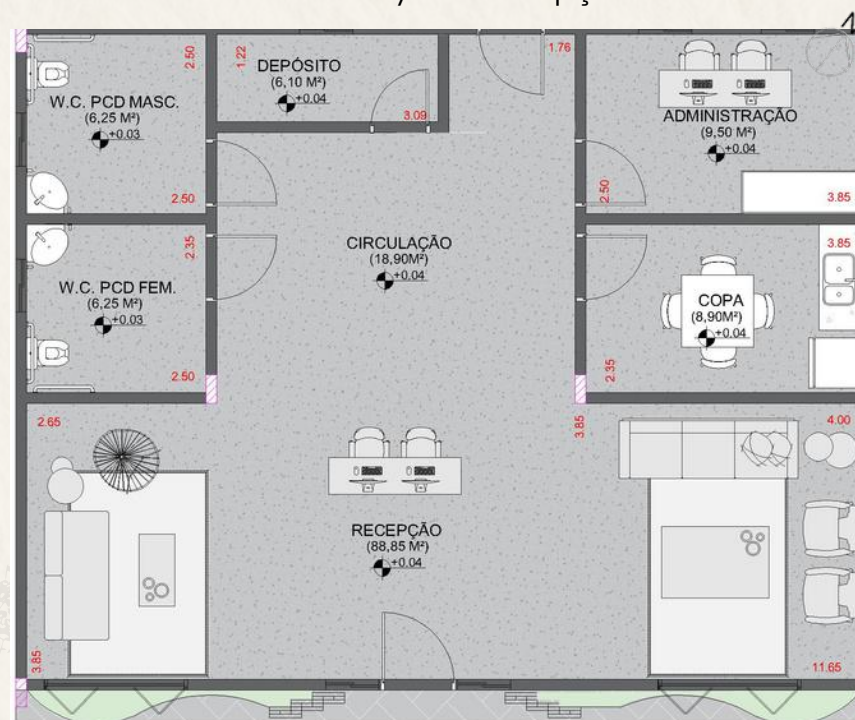
Casa de gás ampla e segura com muretas separando os cilindros.

FIGURA 40: Layout gás



FONTE: Autoria própria (2025)

FIGURA 41: Layout recepção



7.2.3. SALÃO DE FESTAS

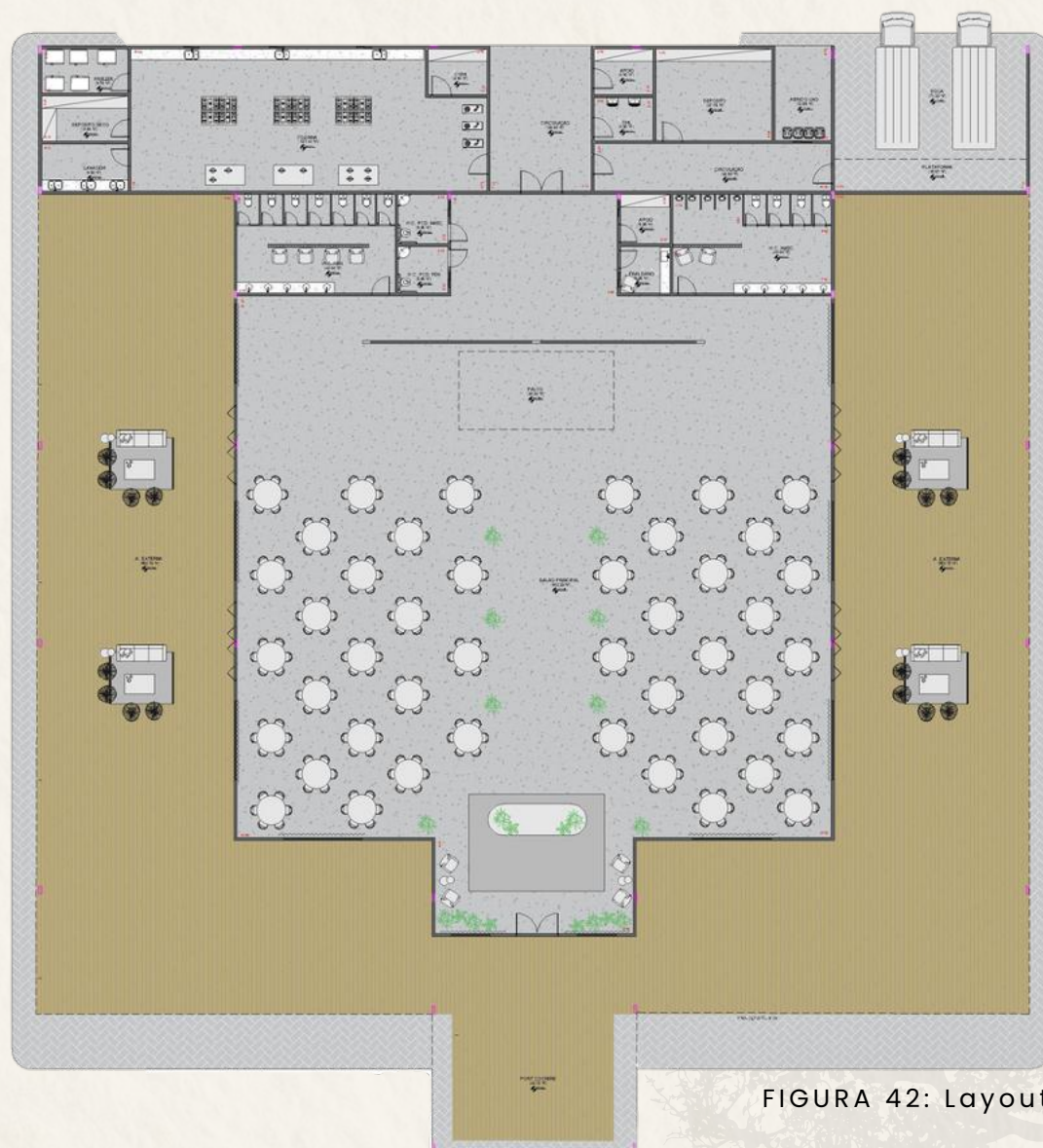


FIGURA 42: Layout salão

FONTE: Autoria própria (2025)

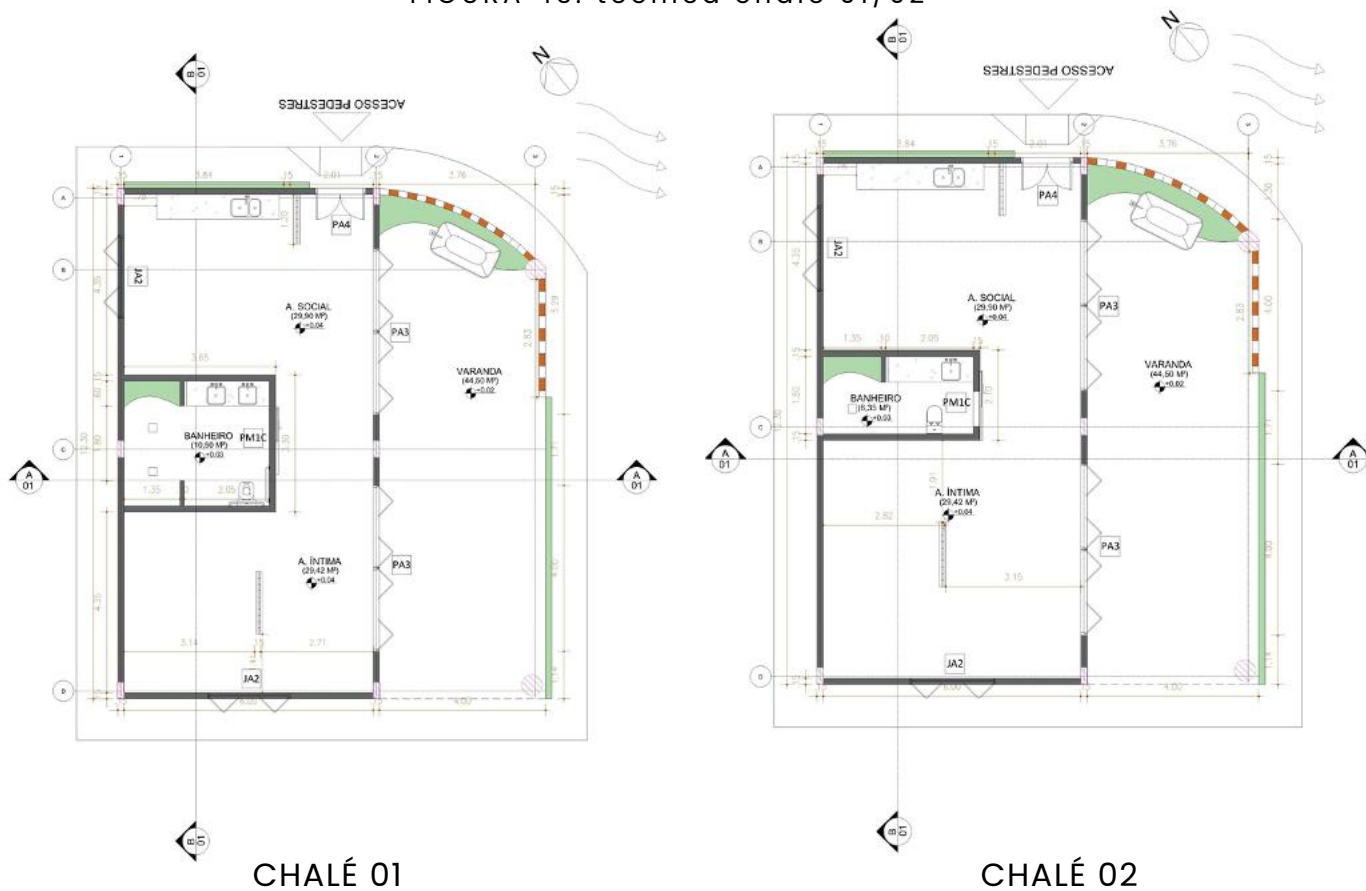
Além da grande área interna, tem-se duas áreas externas para celebrações ao ar livre. Possui banheiros equipados para atender o público, além de uma grande cozinha para preparos e estocagem de alimentos. Depósito para equipamentos e área de docas e descarte de lixos.

Em um outro momento, a área externa do salão pode ser utilizada para servir refeições conjuntas aos hóspedes da pousada, como cafás da manhã em um ambiente confortável e aproveitando a paisagem e o frescor da natureza em volta.

7.3 - PLANTA BAIXA TÉCNICA

7.3.1. CHALÉS

FIGURA 43: técnica chalé 01/02



FONTE: Autoria própria (2025)

Abaixo conseguimos ver as diferentes dimensões do banheiro e área íntima, o que diverge os dois tipos de chalé.

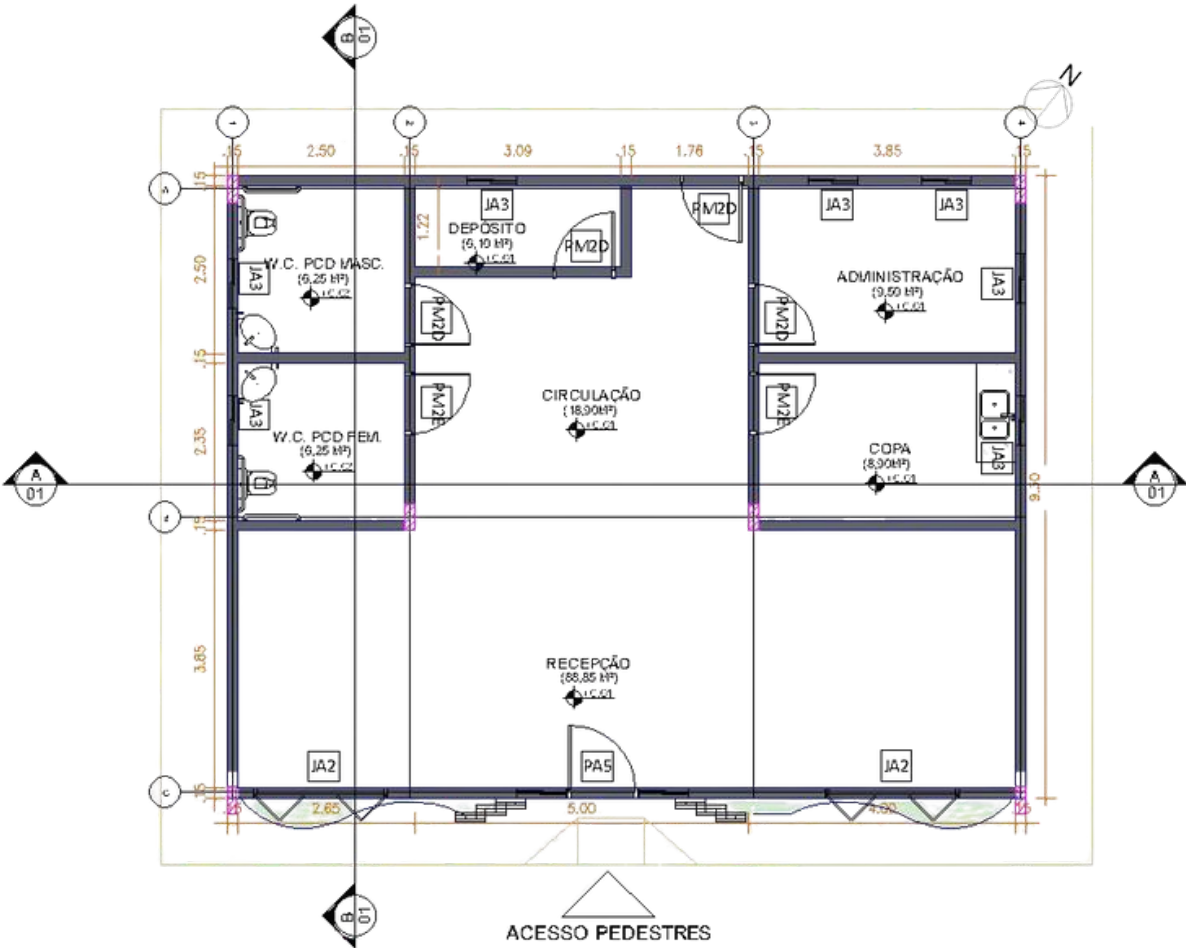
FIGURA 44: Quadro de esquadrias

Numeração	Dimensão (LxHxP) em metros	Tipo	Material
JA1	4,00 x 5,00 x 0,10	fixa	Alumínio e vidro
JA2	2,00 x 2,80 x 0,05	Articulada 4 folhas	Alumínio e vidro
JA3	0,80 x 0,60 x 1,70	correr	Alumínio e vidro
JA4	0,10 x 0,60 x 0,80	correr	Alumínio e vidro
JA5	2,00 x 4,50 x 0,05	fixa	Alumínio e vidro

Numeração	Dimensão (LxH) em metros	Tipo	Material
PA1	0,60 x 1,60	De abrir	Alumínio
PA2	2,00 x 3,10	De abrir 2 FOLHAS	Alumínio e vidro
PA3	1,80 x 2,10	Articulada 4FOLHAS	Alumínio e vidro
PA4	1,30 x 2,10	De abrir 2 FOLHAS	Alumínio e vidro
PA5	1,00 x 2,10	De abrir 1 FOLHA	Alumínio e vidro
PA6	2,00 x 4,50	De abrir 2 FOLHAS	Alumínio e vidro
PM1B	1,00 x 2,10	De abrir	Madeira
PM2B	0,90 x 2,10	De abrir	Madeira
PM3C	0,90 x 2,10	De correr	Madeira

7.3.2. RECEPÇÃO

FIGURA 45: técnica recepção



FONTE: Autoria própria (2025)

Todas as edificações foram criadas apenas no pavimento térreo. conseguimos visualizar todos os pilares estruturais e a disposição das esquadrias, identidicadas melhor abaixo:

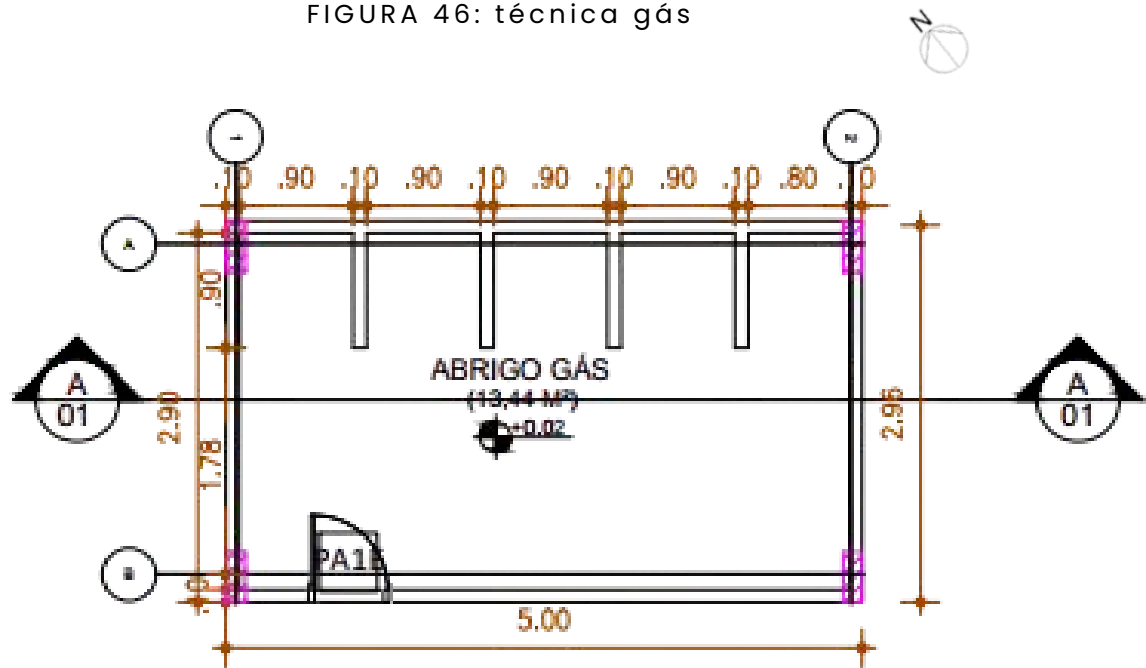
FIGURA 44: Quadro de esquadrias

Quadro de Esquadrias – Janelas			
Numeração	Dimensão (LxHxP) em metros	Tipo	Material
JA1	4,00 x 5,00 x 0,10	fixa	Alumínio e vidro
JA2	3,00 x 2,80 x 0,05	Articulada 4 folhas	Alumínio e vidro
JA3	0,80 x 0,60 x 1,70	correr	Alumínio e vidro
JA4	0,10 x 0,60 x 0,60	correr	Alumínio e vidro
JA5	2,00 x 4,50 x 0,05	fixa	Alumínio e vidro

Quadro de Esquadrias – Portas			
Numeração	Dimensão (LxH) em metros	Tipo	Material
PA1	0,60 x 1,60	De abrir	Alumínio
PA2	2,00 x 3,10	De abrir 2 FOLHAS	Alumínio e vidro
PA3	1,80 x 2,10	Articulada 4FOLHAS	Alumínio e vidro
PA4	1,20 x 2,10	De abrir 2 FOLHAS	Alumínio e vidro
PA5	1,00 x 2,10	De abrir 1 FOLHA	Alumínio e vidro
PA6	2,00 x 4,50	De abrir 2 FOLHAS	Alumínio e vidro
FM1B FM1E	1,00 x 2,10	De abrir	Madeira
FM2B FM2E	0,90 x 2,10	De abrir	Madeira
FM2C	0,90 x 2,10	De correr	Madeira

7.3.3. CASA DE GÁS

FIGURA 46: técnica gás



FONTE: Autoria própria (2025)

A casa de gás possui muretas com afastamento para a instalação e proteção de cada cilindro, pode-se identificar a disposição das esquadrias, abaixo:

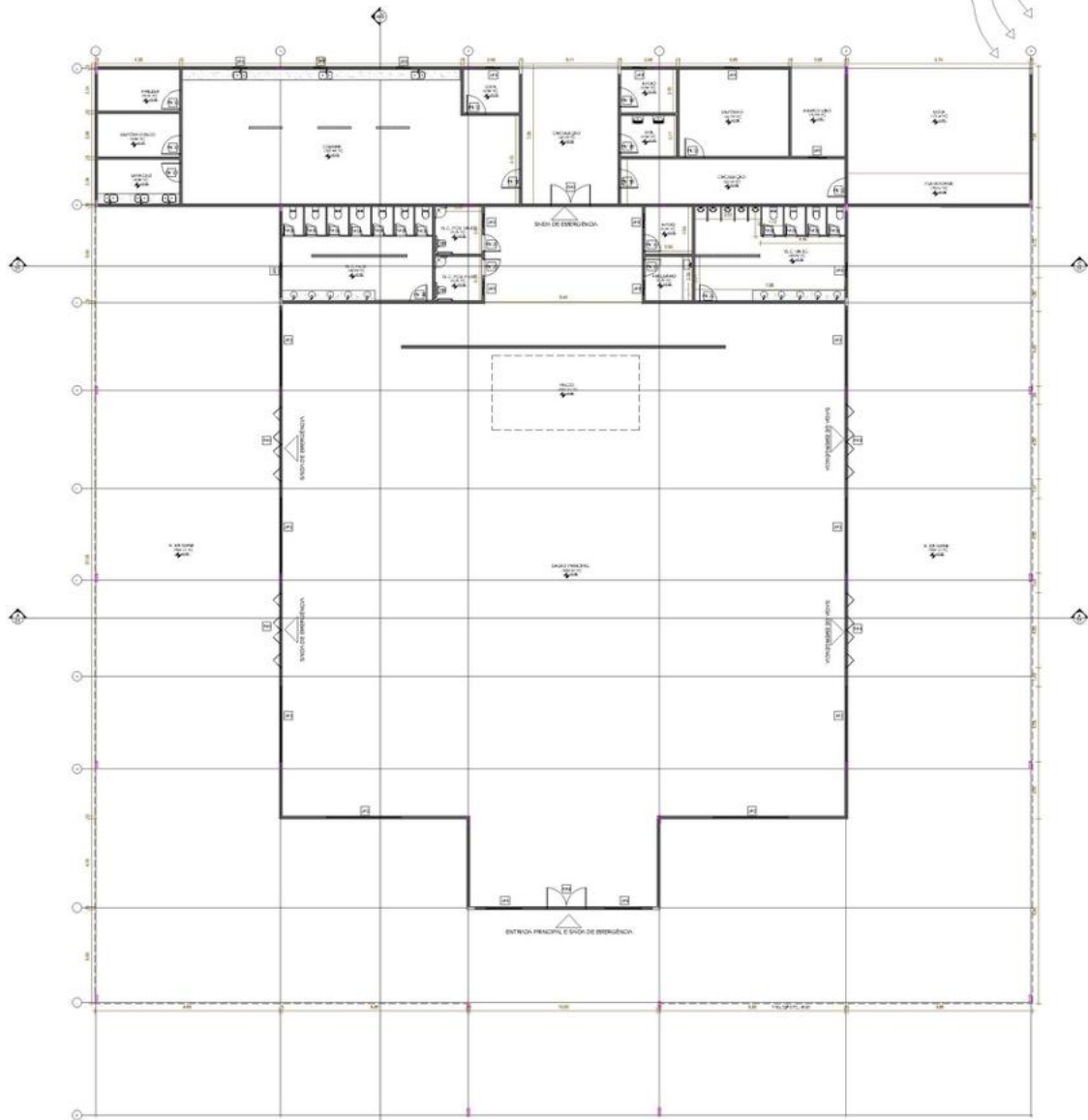
FIGURA 44: Quadro de esquadrias

Quadro de Esquadrias – Janelas			
Numeração	Dimensão (LxHxP) em metros	Tipo	Material
JA1	4,00 x 5,00 x 0,10	fixa	Alumínio e vidro
JA2	2,00 x 2,80 x 0,05	Articulada 4 folhas	Alumínio e vidro
JA3	0,80 x 0,60 x 1,70	correr	Alumínio e vidro
JA4	0,10 x 0,60 x 0,60	correr	Alumínio e vidro
JA5	2,00 x 4,50 x 0,05	fixa	Alumínio e vidro

Quadro de Esquadrias – Portas			
Numeração	Dimensão (LxH) em metros	Tipo	Material
PA1	0,60 x 1,60	De abrir	Alumínio
PA2	2,00 x 3,10	De abrir 2 FOLHAS	Alumínio e vidro
PA3	1,80 x 2,10	Articulada 4FOLHAS	Alumínio e vidro
PA4	1,20 x 2,10	De abrir 2 FOLHAS	Alumínio e vidro
PA5	1,00 x 2,10	De abrir 1 FOLHA	Alumínio e vidro
PA6	2,00 x 4,50	De abrir 2 FOLHAS	Alumínio e vidro
PM1D PM1E	1,00 x 2,10	De abrir	Madeira
PM2D PM2E	0,90 x 2,10	De abrir	Madeira
PM2C	0,90 x 2,10	De correr	Madeira

7.3.4. SALÃO DE FESTAS

FIGURA 47: TÉCNICA SALÃO



FONTE: Autoria própria (2025)

Todas as edificações foram criadas apenas no pavimento térreo. conseguimos visualizar todos os pilares estruturais e a disposição das esquadrias, identidicadas melhor abaixo:

FIGURA 44: Quadro de esquadrias

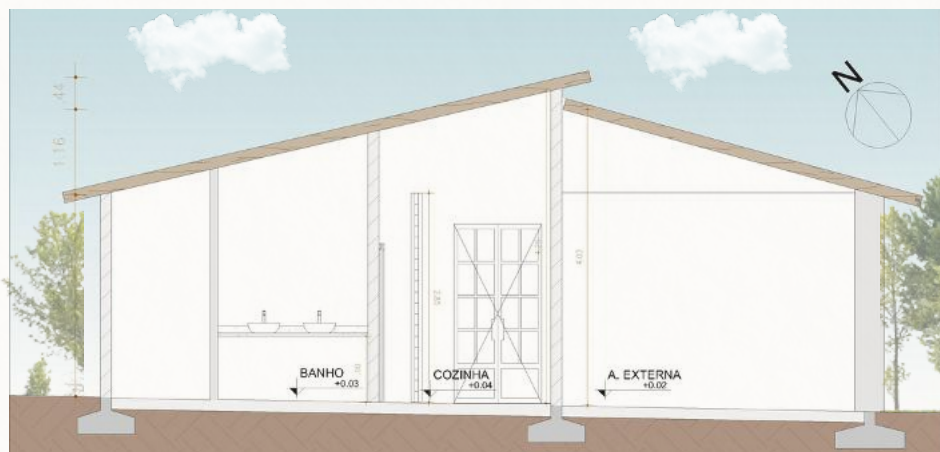
Quadro de Esquadrias – Janelas			
Numeração	Dimensão (LxHxP) em metros	Tipo	Material
JAS1	4,00 x 5,00 x 0,30	fixa	Alumínio e vidro
JAS2	2,00 x 2,80 x 0,05	Articulada 4 folhas	Alumínio e vidro
JAS3	0,80 x 0,60 x 1,70	correr	Alumínio e vidro
JAS4	0,10 x 0,60 x 0,60	correr	Alumínio e vidro
JAS5	2,00 x 4,50 x 0,05	fixa	Alumínio e vidro

Quadro de Esquadrias – Portas			
Numeração	Dimensão (LxH) em metros	Tipo	Material
PA1	0,60 x 1,60	De abrir	Alumínio
PA2	2,00 x 3,10	De abrir 2 FOLHAS	Alumínio e vidro
PA3	1,80 x 2,10	Articulada 4FOLHAS	Alumínio e vidro
PA4	1,20 x 2,10	De abrir 2 FOLHAS	Alumínio e vidro
PA5	1,00 x 2,10	De abrir 1 FOLHA	Alumínio e vidro
PA6	2,00 x 4,50	De abrir 2 FOLHAS	Alumínio e vidro
PM1B	1,00 x 2,10	De abrir	Madeira
PM2B	0,90 x 2,10	De abrir	Madeira
PM2C	0,90 x 2,10	De correr	Madeira

7.4 - CORTES

7.4.1. CHALÉ

FIGURA 48: corte a.a chalé 01/02



Como a única diferença entre os tipos é a lagura do banheiro, o corte A.A. os representa, e o cortes B.B. mostram sua divergência. Conta com um pé direito de aproximadamente 4 metros em seu ponto mais alto.

FIGURA 49: corte B.B chalé 01

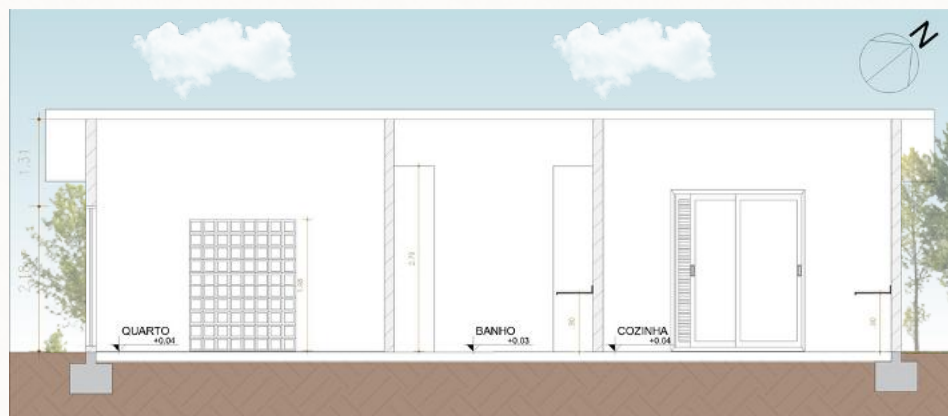
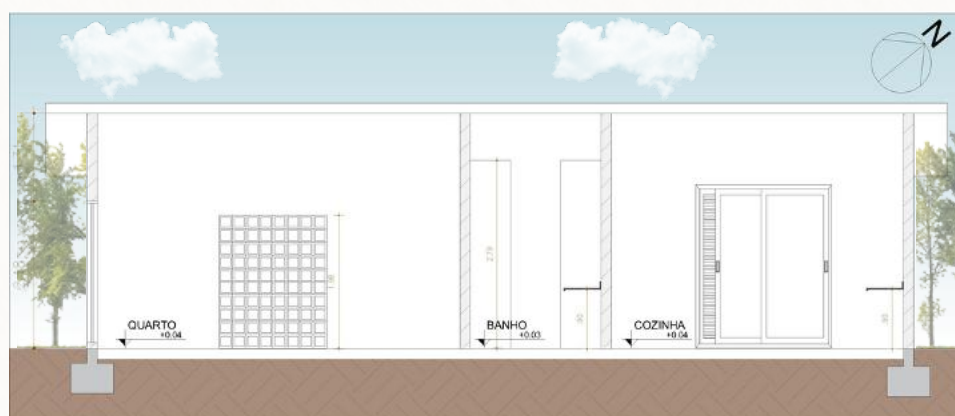


FIGURA 50: corte B.B chalé 02



FONTE: Autoria própria (2025)

7.4.2.RECEPÇÃO E GÁS

FIGURA 51: corte a.a recepção

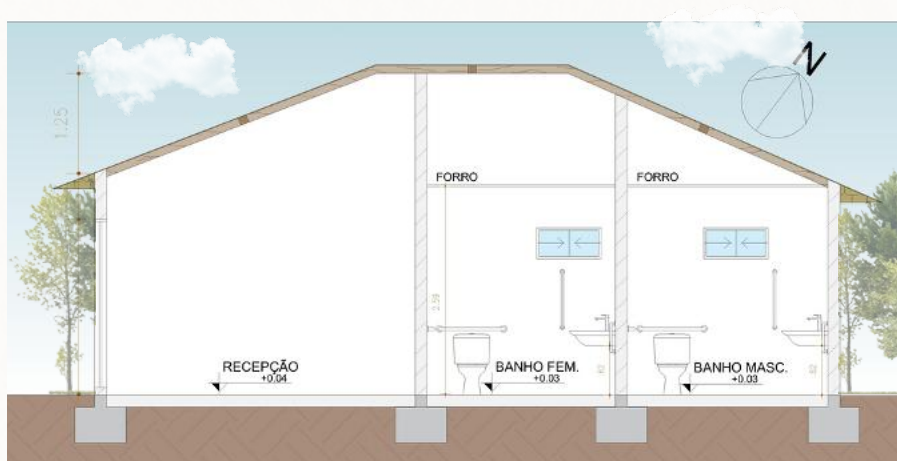


FIGURA 52: corte b.b recepção

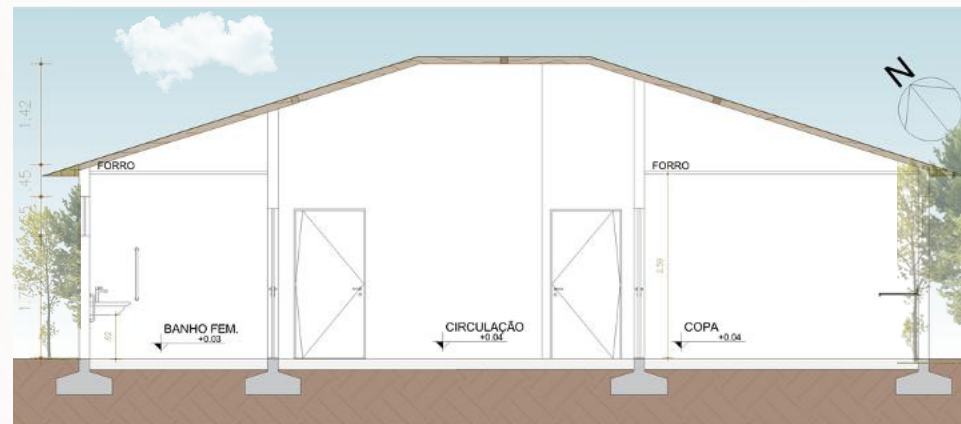


FIGURA 53: corte a.a gás

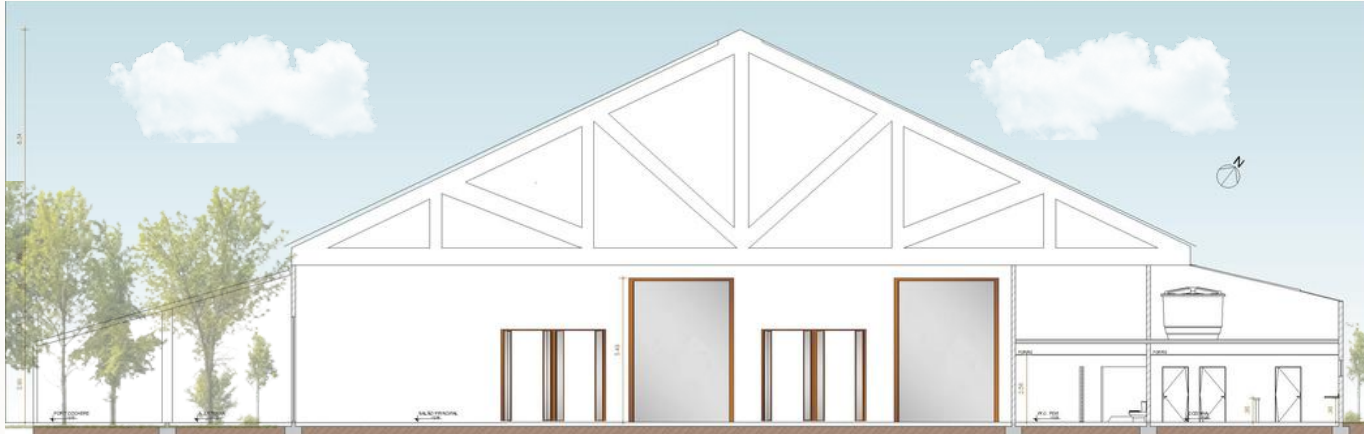


O ambiente da recepção possui apenas forro nos banheiros pela privacidade, o intuito era que os ambientes coletivos tivessem o pé direito mais alto com 4 metros.

FONTE: Autoria própria (2025)

7.4.3.SALÃO DE FESTAS

FIGURA 54: corte c.c salão



A cumeeira do salão de festas possui aproximadamente 15 metros de altura, por conta de seu robusto telhado, e inclinação da telha que precisa de coberturas íngremes; O abastecimento dos banheiros e cozinha fica por conta de uma caixa d'água sobre uma laje. Apenas o espaço do salão de festas tem a cobertura tradicional.

FIGURA 55: corte b.b salão

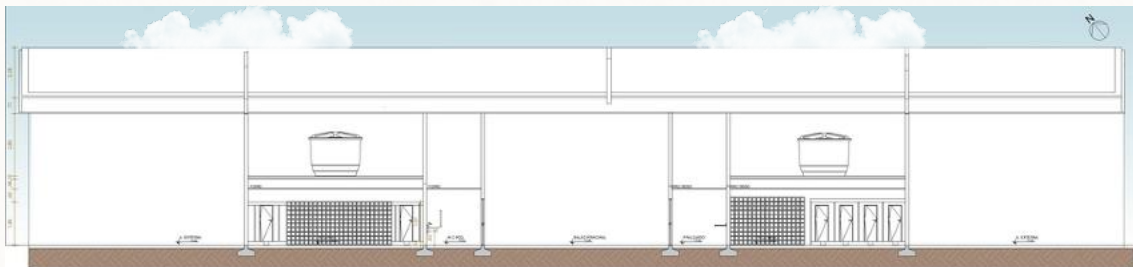


FIGURA 56: corte a.a salão

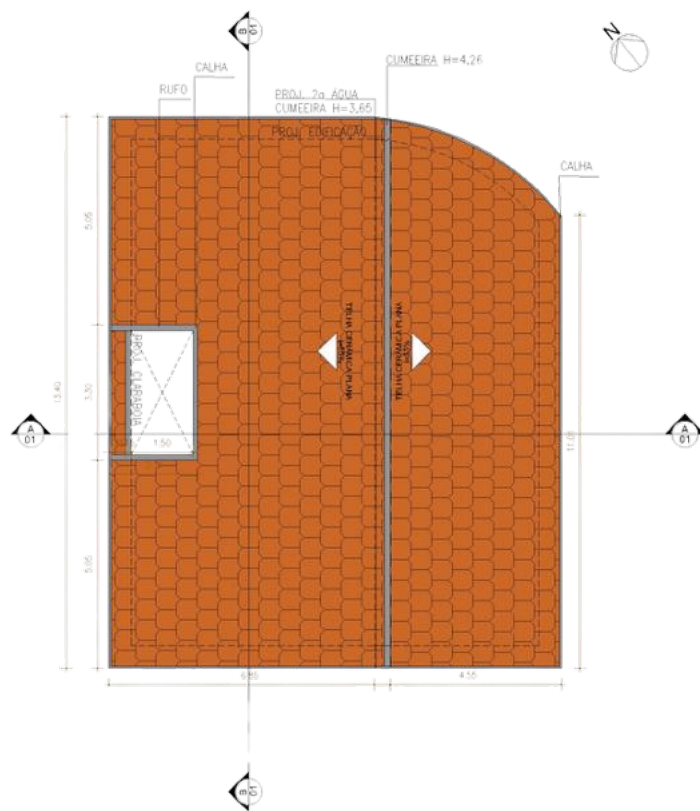


FONTE: Autoria própria (2025)

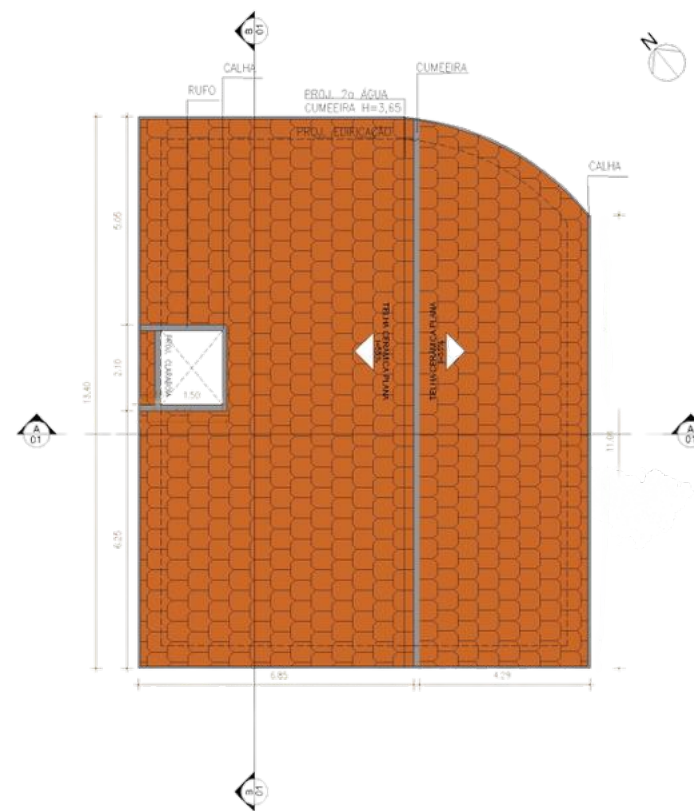
7.5 - COBERTURAS

7.5.1. CHALÉS

FIGURA 57: cobertura chalé 01 e 02



1 PLANTA COBERTURA QUARTO 01
ESCALA: 1/100
P.B.C. - COBERTURA QUARTO 01



2 PLANTA COBERTURA QUARTO 02
ESCALA: 1/100
P.B.C. - COBERTURA QUARTO 02

FONTE: Autoria própria (2025)

7.5.2. RECEPÇÃO E GÁS

A recepção possui um telhado tradicional de quatro águas. enquanto a central de gás é coberta por uma laje impermeabilizada.

FIGURA 58: cobertura recepção

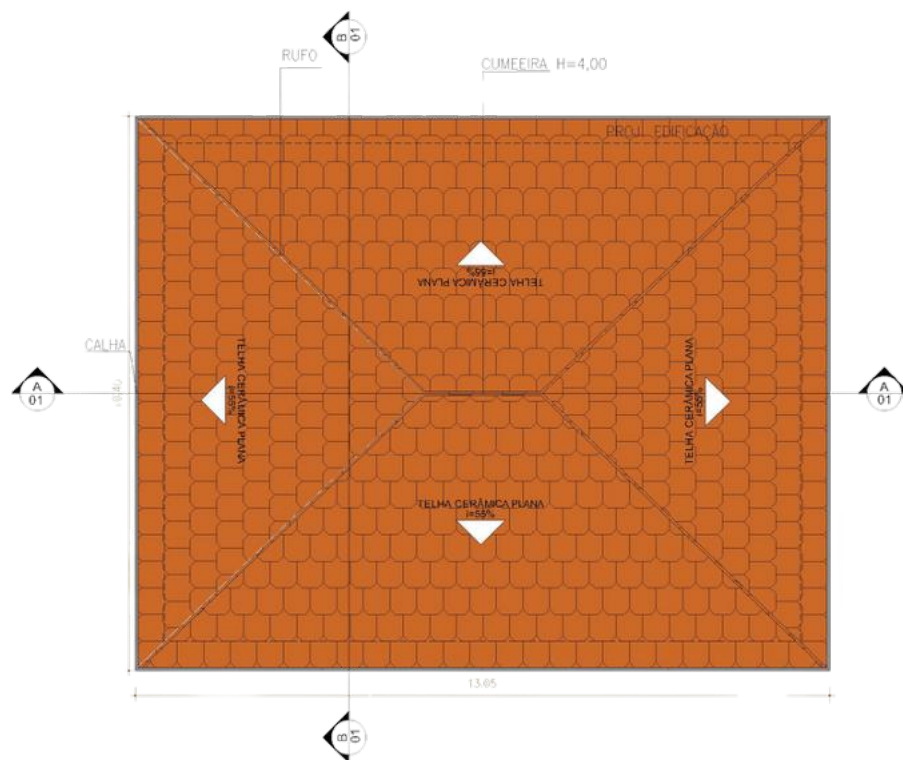
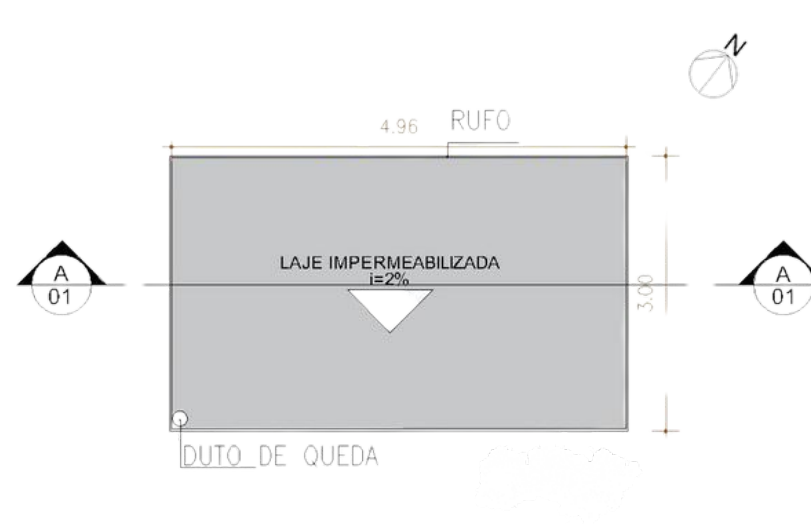


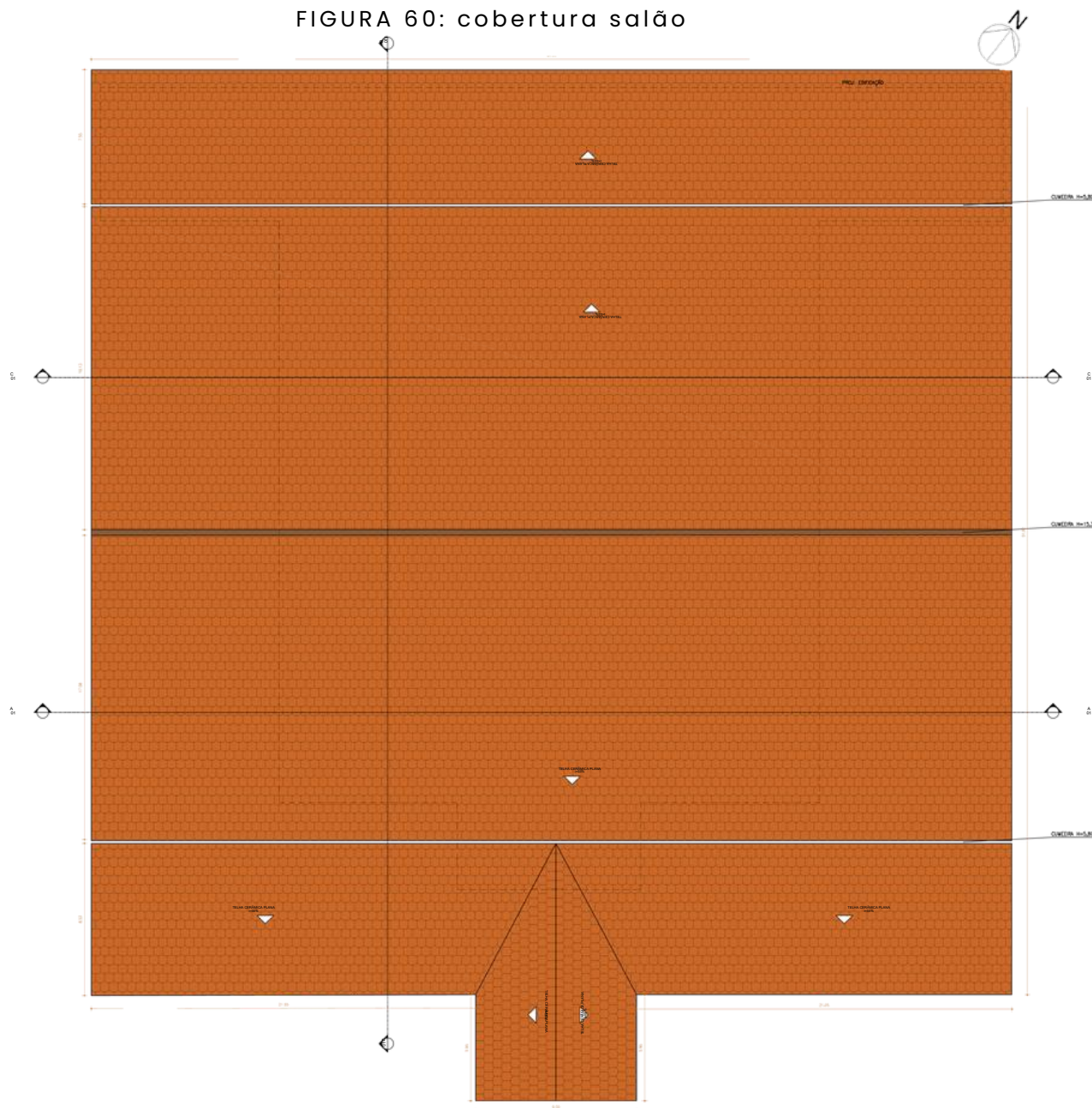
FIGURA 59: cobertura gás



FONTE: Autoria própria (2025)

7.5.3. SALÃO DE FESTAS

FIGURA 60: cobertura salão



Por ser um grande telhado o salão de festas possui no total 7 águas e cumeeira de várias alturas. A maior fica no centro e termina nos limites do salão interno com as bordas se estendendo ao limite do externo. A água do fundo se inicia na cozinha e finaliza no fim da edificação. A parte posterior cobre todo o restante da área externa e mais uma água é criada na área do port cochere.



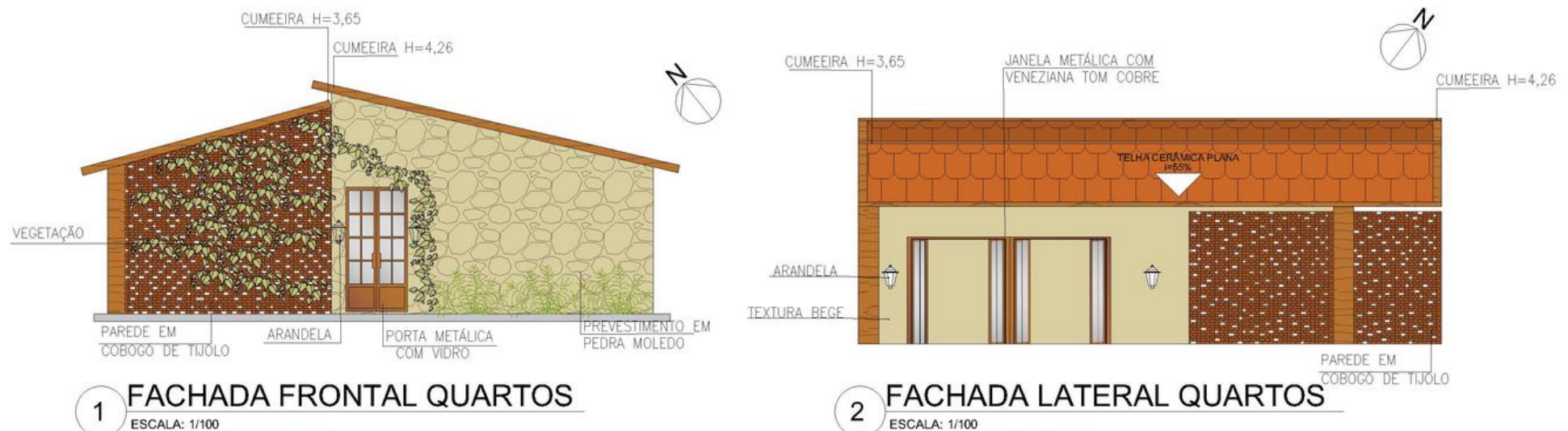
FONTE: Autoria própria (2025)

7.6 - FACHADAS

7.6.1. CHALÉS

A cor utilizada na fachada foi uma textura em tom bege, o muro arredondado com tijolos vazados recebeu vegetação de trepadeira. Além do uso de pedra natural e madeira, para combinar com os tons amarronzados da telha, as esquadrias possuem tons de cobre.

FIGURA 61: fachadas chalé 01 e 02



FONTE: Autoria própria (2025)

7.6.2. RECEPÇÃO E GÁS

Elementos parecidos com os do chalé para trazer familiaridade entre as edificações, muita vegetação de trepadeira, janelas grandes com venezianas, somado ao telhado para trazer uma estética de casebre.

FIGURA 62: fachadas recepção



3 FACHADA FRONTAL RECEPÇÃO

ESCALA: 1/100

OBS.: CONFERIR COTAS NA OBRA

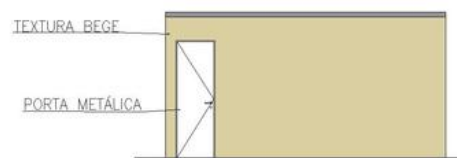


4 FACHADA LATERAL RECEPÇÃO

ESCALA: 1/100

OBS.: CONFERIR COTAS NA OBRA

FIGURA 63: fachada casa de gás



5 FACHADA FRONTAL ABRIGO GÁS

ESCALA: 1/100

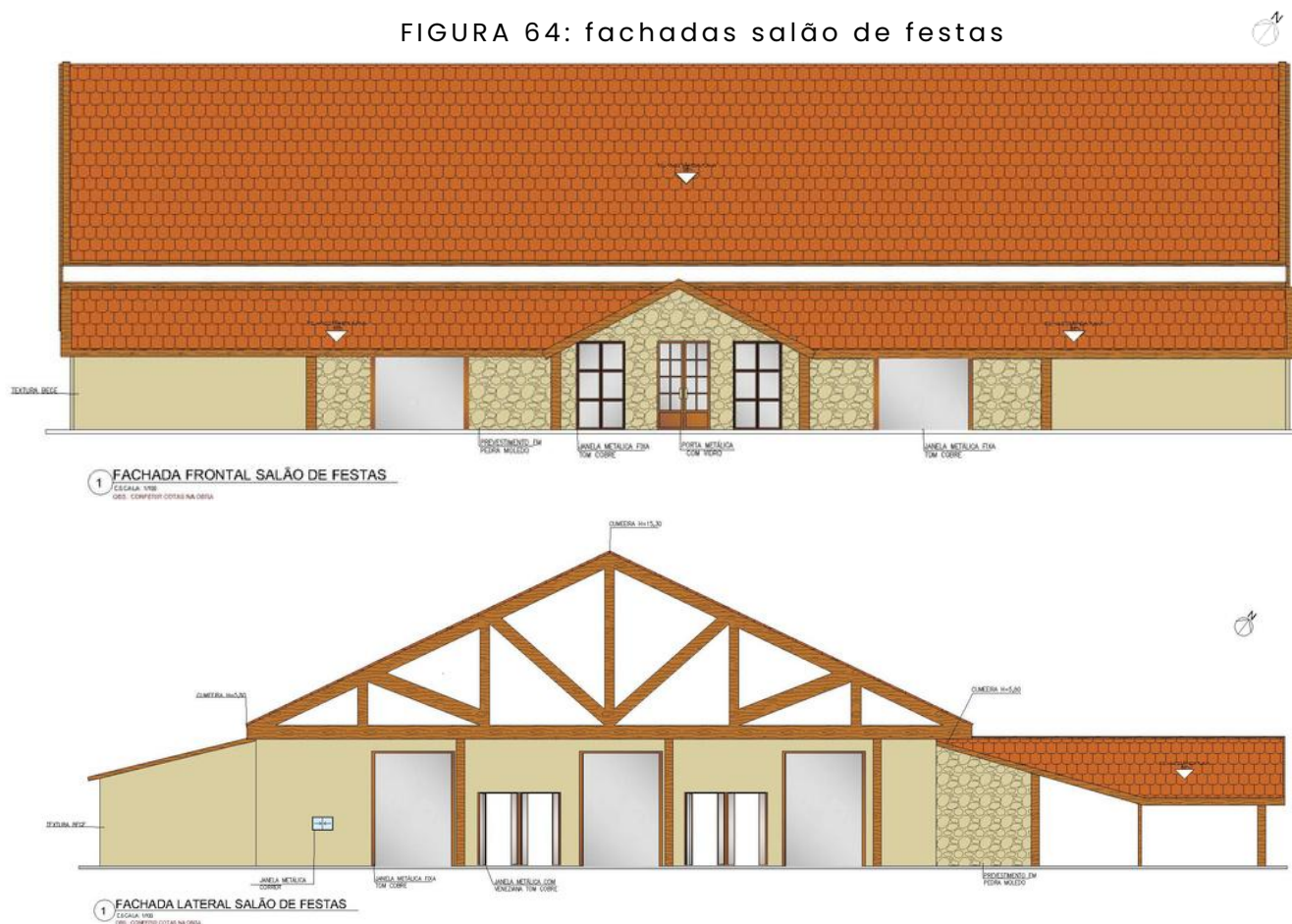
OBS.: CONFERIR COTAS NA OBRA

FONTE: Autoria própria (2025)

7.6.3. SALÃO DE FESTAS

Tons de madeira e pedra trazem rusticidade, a caída de água do port cochere inversa ao esto da edificação reforçam a estética de cabana campestre.

FIGURA 64: fachadas salão de festas



FONTE: Autoria própria (2025)

7.7. DETALHAMENTOS

FIGURA 65: detalhamento parede de tijolos

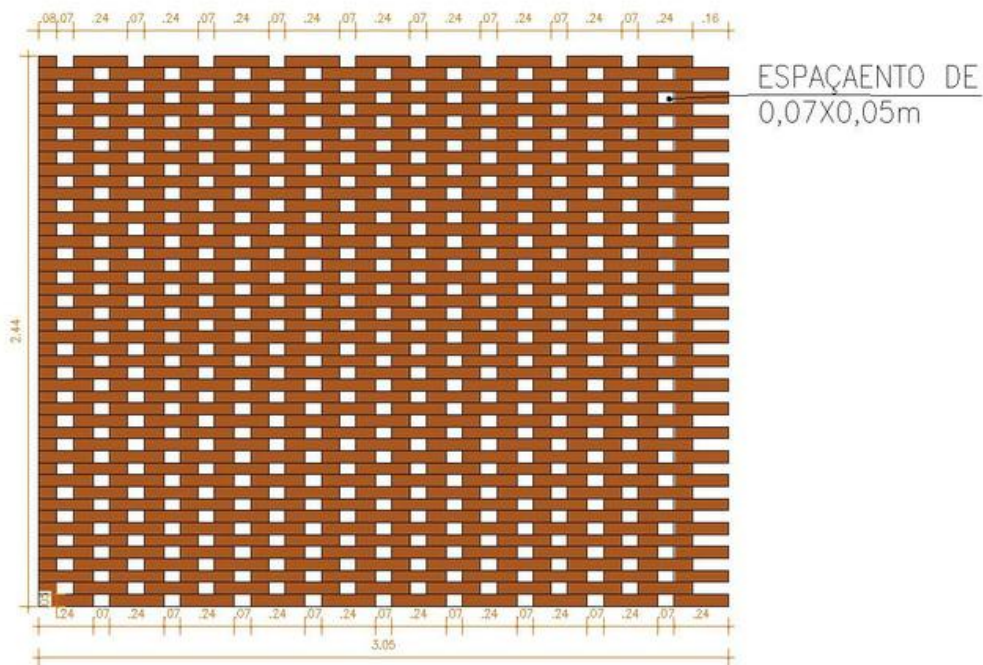
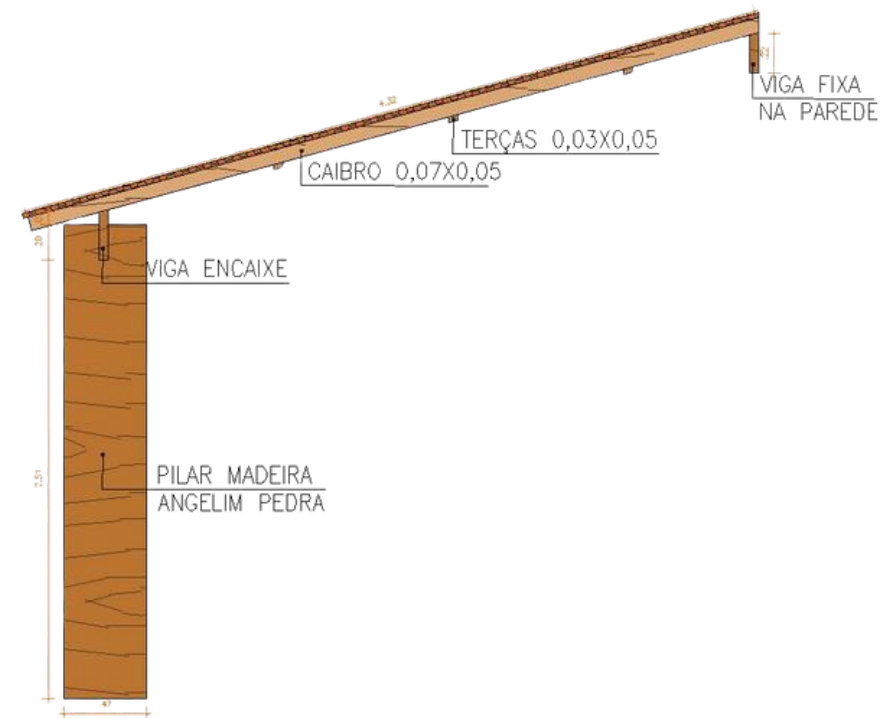


FIGURA 66: detalhamento telhado varanda



Esses elementos foram criados para trazerem a estética da rusticidade semelhante ao local, acima mostra-se como seriam executados.

A parede de tijolos ecológico, os elementos foram empilhados de forma uniforme em duas fileiras distintas com espaçamento de 5cm. Já o telhado de madeira foi feito com uma estrutura tradicional, com terças, caibros e vigas.

7.7.1 PAISAGISMO

tabela 06: quadro espécies

QUADRO DE ESPÉCIES										
SÍMBOLO	NOME	NOME CIENTÍFICO	CLIMA	MEDIDAS	PORTE	FLORAÇÃO	BIOMA	ORIGEM	CULTIVO	CATEGORIA
	Mama cadela	Brosimum gaudichaudii	Tropical Subtropical	4 à 10m	Médio	Agosto à Outubro	Cerrado	América do sul	Sol pleno	Nativa
	Goiabeira	Psidium guajava	Tropical Subtropical	3 à 10m	Médio	Agosto à novembro	Adaptável	América do sul e Central	Sol pleno	Frutífera
	Furcréia	Furcraea foetida	Tropical Semiárido	1,5 à 3m	Pequeno	irregular	Adaptável	América do sul e Central	Sol pleno	Ornamental
	Pitanga	Eugenia uniflora	Tropical Subtropical	2 à 6m	Pequeno	Agosto à novembro	Cerrado	América do sul	Sol pleno	Frutífera
	Palmeira azul	Bismarckia nobilis	Tropical Subtropical	6 à 10m	Médio	Novembro à fevereiro	Adaptável	África	Sol pleno	Ornamental
	Fedegoso	Senna macranthera	Tropical Subtropical	2 à 6m	Pequeno	Junho à setembro	Cerrado	América do sul e Central	Sol pleno	Frutífera
	Angelim	Dinizia excelsa	Equatorial Tropical	30 à 60m	Grande	Setembro à novembro	Amazônia	América do sul	Sol pleno	Nativa
	Mangueira	Mangifera indica	Tropical Subtropical	10 à 30m	Grande	Agosto à outubro	Adaptável	Ásia	Sol pleno	Ornamental
	Cajueiro	Anacardium occidentale	Tropical Semiárido	4 à 12m	Médio	Agosto à janeiro	Cerrado e caatinga	América do sul	Sol pleno	Frutífera
	Palmeira Washingtonia	Washingtonia robusta	Tropical Subtropical	10 à 25m	Grande	Primavera e verão	Adaptável	América do norte	Sol pleno	Ornamental
	Murta	Murraya paniculata	Tropical Subtropical	1 à 5m	Pequeno	Primavera e verão	Adaptável	Ásia	Sol pleno	Ornamental

Acima, são identificadas as espécies arbóreas que já existiam no local, como o angelim, goiabeira e mangueira. Algumas espécies foram adicionadas para abrilhantar o local, algumas também nativas do cerrado como a mama cadela, pitanga e cajueiro. Outros como a murta (arbusto) e a palmeira azul que não são nativas da região mas se comportam bem além de serem esteticamente agradáveis.

7.8 - PERSPECTIVAS EXTERNAS

FIGURA 67: perspectiva chalés



FIGURA 68: perspectiva 2 chalés



FIGURA 69: perspectiva recepção



FIGURA 70: salão de festas



FONTE: Autoria própria (2025)

7.8 - PERSPECTIVAS EXTERNAS

FIGURA 71: perspectiva aérea chalés e salão



FIGURA 72: estacionamento pousada



FIGURA 73: perspectiva passeio e praia artificial



FIGURA 74: perspectivas chalés e passeio



FONTE: Autoria própria (2025)

7.8 - PERSPECTIVAS EXTERNAS

FIGURA 75: perspectiva aérea estacionamento salão



FIGURA 76: perspectiva vista rampa



FIGURA 77: perspectiva muro de arrimo



FONTE: Autoria própria (2025)

7.9 - PERSPECTIVAS INTERNAS

FIGURA 78: perspectiva a. íntima chalé



FIGURA 79: perspectiva a. íntima chalé



FIGURA 80: perspectiva banho chalé



FIGURA 81: perspectiva banho chalé



FONTE: Autoria própria (2025)

7.9 - PERSPECTIVAS INTERNAS

FIGURA 82: perspectiva a. social chalé



FIGURA 83: perspectiva a. social chalé



FIGURA 84: perspectiva varanda chalé



FIGURA 85: perspectiva varanda chalé



FONTE: Autoria própria (2025)

7.9 - PERSPECTIVAS INTERNAS

FIGURA 86: perspectiva recepção



FIGURA 87: perspectiva recepção



FIGURA 88: perspectiva recepção



FIGURA 89: perspectiva recepção



FONTE: Autoria própria (2025)

7.9 - PERSPECTIVAS INTERNAS

FIGURA 90: perspectivas salão de festas



FIGURA 91: perspectivas salão de festas



FIGURA 92: perspectivas salão de festas



FIGURA 93: perspectivas salão de festas



FONTE: Autoria própria (2025)

8 . O - C O N S I D E R A Ç Õ E S F I N A I S

O desenvolvimento teórico e projetual do trabalho foi fundamental para compreender e ampliar as oportunidades turísticas da região, por meio de análises e estudos de projetos de referência e acervos históricos. Assim, foi possível identificar o potencial do território e a maneira como poderiam ser desenvolvidos os meios de hospedagem, gerando impactos positivos no setores econômico, social e cultural.

Nesse sentido, a implantação de uma pousada com espaço de eventos, poderá impactar positivamente a sociedade, impulsionando a evolução e a estrutura do local. O projeto priorizou a criação de espaços que contribuam para o enriquecimento turístico e o bem-estar da população, consolidando o local como referência em refúgio e celebração.



8.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: vlibras.com.br. Acesso em: 18 jun. 2025.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. NBR 9077: Saídas de emergência em edifícios. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: pt.scribd.com. Acesso em: 18 jun. 2025.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 15401: meios de hospedagem – Sistema de gestão da sustentabilidade – Requisitos. Rio de Janeiro: ABNT, 2014.
- AVENTURAS NA HISTÓRIA. 2018. Disponível em: aventurasnahistoria.com.br. Acesso em: 3 maio 2025.
- AZEVÊDO, Caroline Alonso. As pousadas e os impactos sócio ambientais: um estudo sobre Morro de São Paulo e Boipeba – Bahia. 2006. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2006.
- BRASIL. Ministério do Turismo. Ecoturismo foi responsável por 1 em cada 4 viagens a lazer realizadas no país. 2021. Disponível em: gov.br/turismo. Acesso em: 3 maio 2025.
- CUIABÁ. Lei Complementar nº 150, de 29 de janeiro de 2007. Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Cuiabá. Disponível em: leismunicipais.com.br. Acesso em: 18 jun. 2025.

8.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CLIMATE-DATA. Clima: Cuiabá. Climate-Data.org, 2025. Disponível em: <https://pt.climate-data.org/america-do-sul/brasil/mato-grosso/cuiaba-714809/>. Acesso em: 20 ago. 2025.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Org.). The SAGE Handbook of Qualitative Research. 3. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2006.
- "Djati Lounge & Djoglo Bungalow / MINT-DS". 04 mar. 2017. ArchDaily Brasil. ISSN 0719-8906. Acessado: 30 mai. 2025.
- EVOLUÇÃO HISTÓRICA NO SETOR HOTELEIRO. Disponível em: home.unicruz.edu.br/seminario. Acesso em: 3 maio 2025.
- FOLHA DE S.PAULO. A história do Copacabana Palace. Webstory. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2021. Acesso em: 10 maio 2025.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HOLMY. Disponível em: holmy.com.br/hospedagem/cabana-matangi. Acesso em: 10 maio 2025.
- INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. ISO 18513:2021 – Tourism and related services — Accessible tourism for all — Requirements and recommendations. Geneva: ISO, 2021. Acesso em: 30 maio 2025.

8.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- IMPÉRIOS MADEIRAS. Madeiras Angelim-Pedra em Parauapebas (PA). Disponível em: <https://imperiodasmadeiras.com/3-madeiras-angelim-pedra-em-parauapebas-pa>. Acesso em: 10 out. 2025.
- MACHADO, Isabela; SOUZA, Flávio Henrique Dias de. Análise dos albergues da juventude da cidade de Curitiba-PR: a percepção dos hóspedes. Revista Rosa dos Ventos, v. 4, n. 2, p. 250–265, 2012. Acesso em: 10 maio 2025.
- MATO GROSSO. Lei nº 10.861, de 25 de março de 2019. Institui a Política Estadual de apoio ao Turismo Rural na Agricultura Familiar – TRAF. Diário Oficial do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, MT, 25 mar. 2019.
- OBSERVATÓRIO DO TURISMO DE MATO GROSSO DO SUL. Boletim Retomada do Turismo em MS – Ed. 05/2021. 2021. Acesso em: 3 maio 2025.
- "Paradinha - 11 Habitáculos na Floresta / SUMMARY". 10 jul. 2023. ArchDaily Brasil. ISSN 0719-8906. Acessado: 29 mai. 2025.
- PAIVA, Daniel Alves; LIMA, José Borzacchiello da Silva. Hotel moderno, uma máquina de hospedar. Revista Mercator, v. 17, e17021, 2018. Acesso em: 9 maio 2025.
- "Pousada Vento Vinte / Lins Arquitetos Associados". 14 jan. 2024. ArchDaily Brasil. ISSN 0719-8906. Acessado: 30 mai. 2025.
- SEBRAE. A preferência por viagens e hospedagem integradas à natureza. 2023. Acesso em: 14 mar. 2025.

8.1 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SLOAN, Peter; LEGRAND, William; KAUFMANN, Helmut. Sustainability in the hospitality industry: principles of sustainable operations. 2. ed. Oxford: Butterworth-Heinemann, 2014.
- TRIP ADVISOR. Disponível em: tripadvisor.com.br. Acesso em: 30 maio 2025.
- VOU PRA ROMA. Mosteiro de São Bento na Itália. Acesso em: 30 maio 2025.
- XIMENEZ, José Marcelo Tonini. A planta da arquitetura monástica e a regra dos beneditinos: séculos VI a XII. 2004. 158 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

